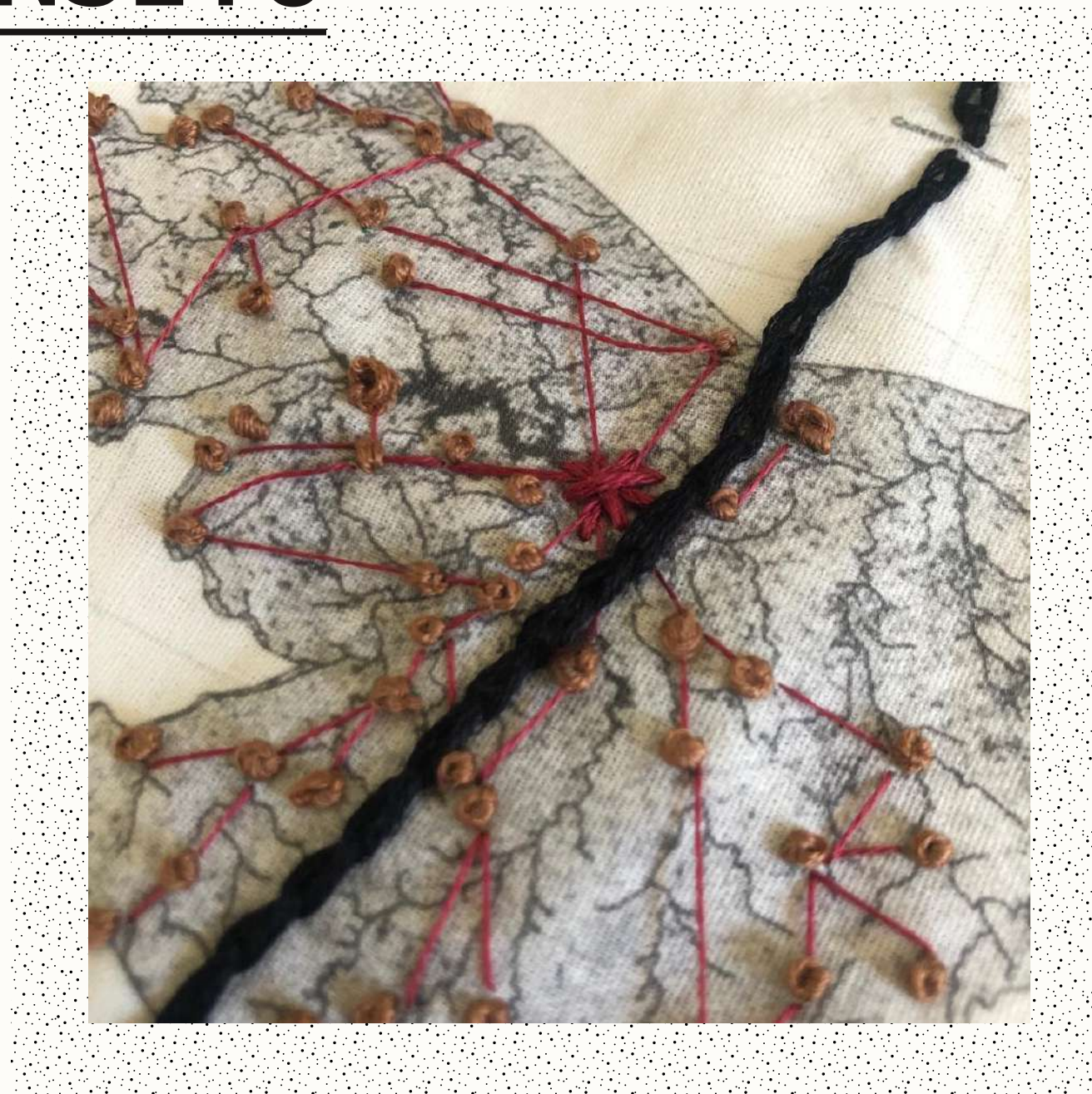


# CARTOGRAFIAS

## EM

# TRÂNSITO



TRÊS ATOS PARA PENSAR O SÍTIO HISTÓRICO DO PATU

*Autoria:* Giovanna Teixeira de A. C. Neves

*Orientação:* Maria Ayara Mendo Pérez

***Cartografias em trânsito: três atos para pensar o Sítio Histórico do Patu*** é uma investigação metodológica e propositiva que explora a cartografia como principal meio para pensar, representar e construir o território.

## **ÍNDICE**

APRESENTAÇÃO

ABORDAGEM

Sítio Histórico do Patu

*Contra-narrativas*

*Corpo-território*

CARTOGRAFIAS EM TRÂNSITO

1º ato

2º ato

3º ato

REFERÊNCIAS

# Apresentação

Cartografias em trânsito: três atos para pensar o Sítio Histórico do Patu é uma investigação metodológica e propositiva que explora a cartografia como principal meio para pensar, representar e construir o território. O método inventado busca questionar os corpos-territórios invisibilizados pela narrativa cultural e cartográfica dominante. A partir dos fragmentos narrativos, delinea-se um percurso pautado por três atos que mapeiam diferentes tempos, escalas e espaços.

No primeiro ato se propõe a desconstrução da linearidade do tempo e o deslocamento dos fatos históricos de acordo com suas possíveis relações subjetivas. No segundo ato é proposto um mapa em que geografias se costuram e se complementam para revelar as conexões criadas pelo corpo-território em trânsito. No terceiro ato é performado um mapa mutável em que se escava e intervém sobre as camadas espaciais e temporais do lugar. Ao utilizar diferentes suportes, do virtual ao material, as cartografias se situam em um processo aberto e contínuo, podendo ser montado e remontado, individual ou coletivamente.

O estudo tem como partida o Sítio Histórico do Patu, em Senador Pompeu, imaginando integrar uma cartografia parcial da resistência e resgate da memória dos Campos de concentração da seca de 1932, no Ceará. O Campo de Concentração do Patu foi um entre sete dispositivos de isolamento social na cidade e controle interno das famílias que se retiravam por conta da seca e se dirigiam à capital, Fortaleza (RIOS, 2014). Os campos operaram por um ano e foram parte de uma evolução dos investimentos de poder do Estado sobre o sertão-sertanejo, dentro de um planejamento sistemático, político, ideológico e territorial (NEVES, 1995).

Ao longo da história, vemos exemplos de como a arquitetura, o urbanismo e a geografia, integrados aos ideais de um projeto dominante, podem colaborar para invisibilizar corpos e territórios. Através da estrutura do campo eram impostas padronizações e disciplinas com o intuito de ferir os modos de vida do povo. Os registros físicos, fotográficos e cartográficos correm risco de apagamento, tendo sobrevivido pela oralidade das narrativas e da organização comunitária das gerações de familiares dos retirantes que lutam para conquistar um espaço de debate no ambiente urbano e no contexto histórico nacional.

No dia 20 de julho de 2019, o sítio arquitetônico do Campo de Concentração do Patu é tombado pelo IPHAN e torna-se patrimônio histórico-cultural de Senador Pompeu. Constituem o sítio: a Barragem do rio Patu, as ruínas das construções e o Cemitério das Almas da barragem (MPCE, 2019). A Caminhada da Seca ocorre uma vez ao ano no mês de novembro. Partindo da Igreja Matriz da cidade, vai até o cemitério, em um percurso de quatro quilômetros, simbolizando a permanência e reivindicação dessa memória.

Entre feridas, ruínas e desertos, pensar o Sítio Histórico do Patu é também pensar os percursos e deslocamentos desse corpo-território, suas causas, efeitos, marcos e os fantasmas que emergem da história.

# Abordagem

**Definidos os objetivos e o caráter metodológico-propositivo do trabalho, a aproximação com a ideia é feita pelo atravessamento de três esferas de pesquisa: a do pensamento do método, a do estudo do lugar e a da mediação teórica.**

Em **Sítio Histórico do Patu** é feita uma breve revisão bibliográfica partindo de pesquisas acadêmicas que debatem o patrimônio de Senador Pompeu. Para além do recorte, os autores levantam dados e questões sobre a seca no nordeste, as estratégias de controle do corpo e do território no sertão, os campos de concentração da seca de 1932 e as redes de resistência e memória. A pesquisa também caminhou por evidências em diferentes plataformas, como jornais antigos, fotografias de arquivo, vídeos, documentários e depoimentos escritos nas redes sociais. Esse caminho permite conhecer um pouco melhor sobre as narrativas e impressões compartilhadas por pessoas que formam e transformam coletivamente essa memória.

Em **Contra-narrativas** são reunidas as inspirações mais diretas para o pensamento do método e elaboração formal-material dos atos cartográficos. O esforço de pesquisa é em explodir as tradicionais formas de representação em arquitetura e geografia que, por serem permeadas por relações colonizadas, continuam a promover saberes lineares e homogêneos. Modos de pensar, por nebulosas e por montagens, são oportunidades de reposicionar a história e mapear o território a partir de narrativas fantasmas. Essa tentativa é observada nos processos, linguagens e construção poética da arte de Anna Bella Geiger, Adriana Varejão e Rosana Paulino.

Em **Corpo-território** se desenvolve o aprofundamento teórico em torno do complexo contexto que conecta o lugar e o corpo: suas paisagens, memórias, temporalidades, ruínas e trânsitos. São ativados conceitos e autores como Donna Haraway, Tim Ingold, Eduardo Viveiros de Castro e Luiz Antônio Simas, entre outros em diálogo nas pesquisas de Wellington Cançado, Paulo Tavares, Katia Canton e Werther Holzer. Desse modo, é feita a interseção entre o método e o lugar estudado partindo da manifestação da costura corpo-território e a percepção de suas experiências de trânsito como forma de resistência ao pensamento urbano hegemônico.

# Sítio Histórico do Patu

**Estudar as camadas da cidade é estar diante de um complexo e infinito cenário em que muitas histórias se cruzam. Como mencionado na apresentação, o trabalho tem como recorte de estudo o patrimônio do Sítio Histórico de Senador Pompeu. Sua história está vinculada à outras escalas: dos sertões, do Ceará, da seca no Nordeste. Tendo isso em vista, neste primeiro momento é feita uma breve contextualização dos Campos de Concentração da seca de 1932 dentro do fenômeno da ao longo do tempo no semiárido brasileiro.**

Campo de concentração tem por significado, nesta situação, uma estratégia de aprisionamento das pessoas em um lugar na cidade. A pesquisa se dá através de teses e dissertações que vão construindo esta história a partir de diversos pontos de vista.

Semiárido brasileiro é a definição estabelecida pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, a SUDENE, do território em que as condições climáticas e características hidrológicas não sustentam rios perenes ao longo de épocas de baixa precipitação pluviométrica, podendo resultar em longos períodos de seca (IBGE, 2021). Se estende por 10 estados, 1.262 municípios e abriga 27.870.241 pessoas (SUDENE, 2017).

O historiador e professor da Universidade Federal do Ceará, Frederico de Castro Neves, desenvolve no artigo “Curral dos Bárbaros: Os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932)” a ideia de que **os campos foram parte de uma evolução dos saberes e das formas de agir perante aos sertanejos construída por elites e governantes**. A lógica enredada pelo poder dominante tem início na grande seca do ano 1877 e continua evoluindo após os campos implantados em 1932, como fala Neves (1995, p. 10):

“Mas foi a seca de 1877-1880 que representou um ponto de inflexão nestas relações retirantes-habitantes-governantes, ao despejar um total de 100 mil retirantes numa Fortaleza que tem 27 mil habitantes em 1887 e que só atingirá uma população regular com este elevado número em 1930. O impacto desta invasão, seguida de uma epidemia de varíola que chegou a matar mil pessoas num só dia, detona a constituição de uma série de saberes que, mesmo sem ‘planejamento sistematizado entre governantes, burgueses e médicos’, passam a interferir nas atitudes públicas e privadas diante da ‘multidão de miseráveis’.”

O autor se refere a esse momento como “abarracamentos”, a partir daonde se iniciaram uma série de reflexões e planejamentos que resultaram na primeira experiência de campo de concentração, em 1915. Já neste contexto, Fortaleza passava por processos de reforma urbana seguindo a ideia do “aformoseamento” e sob uma ótica higienista (NEVES, 1995). O primeiro campo é então instaurado no bairro do Alagadiço, com a intenção de dar assistência aos retirantes, onde eles eram obrigados a ficar, vigiados e isolados do resto da cidade, além de esporadicamente usados como mão-de-obra barata para as obras públicas em andamento na capital. Neves (1995, p. 12) completa:

“A população logo decifra estas mensagens e, no lugar de campo ou abarracamento, chama de ‘curral’ a este novo mecanismo de controle de suas atitudes. Outra mudança terminológica significativa é com relação aos próprios retirantes. A partir de 1915 eles são “flagelados”, a indicar não uma opção de quem muda de lugar, mas a situação de vítimas de um flagelo, algo exterior a todos sem distinção, pertencente ao domínio do imponderável. **Os novos saberes também farão deste homem que se ‘retira’ seu objeto inanimado**, destituindo-o de qualquer possibilidade de sugerir ou perseguir opções, condenando-o a resignar-se diante de algo da ordem do divino.”

Com a Revolução de 30, a seca de 1932 acontece em um contexto político, espacial e de pensamento coletivo já muito diverso dos anos anteriores. A centralização do poder através das Interventorias permitiu políticas sociais em larga escala e permitiu a consolidação dos campos de concentração sobre ideais que vinham em evolução:

**“A instalação dos campos se deu a partir de dois critérios básicos: 1) do ponto de vista da localização, as concentrações são espalhadas pelo estado, evitando o acesso à capital e às aglomerações urbanas; 2) do ponto de vista da organização, a conexão com o trabalho nas obras públicas deveria ser o princípio fundamental.” (NEVES, 1995, p. 16)**



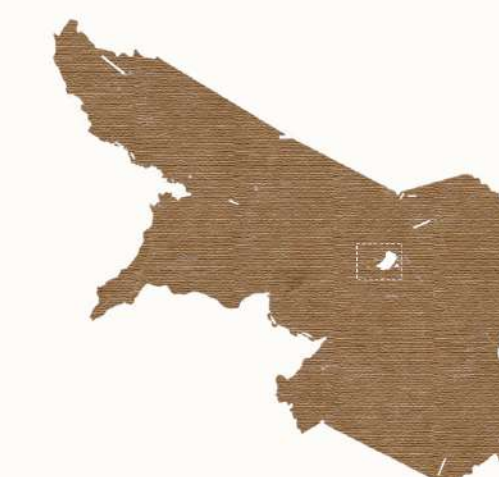
América do Sul,  
BRASIL



Semiárido,  
NORDESTE



Senador Pompeu,  
CEARÁ



Patu,  
SENADOR POMPEU

Os dois critérios principais mencionados acima foram organizados com o objetivo principal de controle e disciplina dos corpos. A estratégia foi levantar 2 campos de concentração dentro de Fortaleza e outros 5 nos municípios que tinham proximidade às estações férreas, aprisionando o sertanejo no meio de seu caminho de retirada para a capital. Segundo Rios (2014, p. 19), em 1932 a rede era composta de duas Estradas de Ferro, a do Baturité e a do Sobral, o que implicou que os campos fossem implantados no Ipu, em Quixeramobim, em Senador Pompeu, em Cariús e no Crato.

O estudo sobre os campos, ressalvo suas adaptações conforme o local onde foi instaurado, permite observar que **toda a organização física dos espaços e a rotina imposta neles serviam para ferir a tradição popular e impor novos modos de vida:**

“O alinhamento dos barracos ou o aproveitamento de instalações coletivas já construídas feriam métodos tradicionais de construção de moradias inspirados no trabalho familiar e autônomo. A indistinção dos materiais comuns e dos corredores substituiu as marcas individuais gravadas nas casas. Por outro lado, o uso das instalações coletivas pressupõe novas maneiras de relacionar-se com o corpo. Os banheiros definiam novas rotinas: a separação por sexo, o uso coletivo, a manipulação de desconhecidas tecnologias (‘obturação hidráulica’ e ‘descarga geral’), etc.” (NEVES, 1995, p. 19)

As tentativas de imposi o de poder nem sempre foram sucedidas e muitos são os relatos de desafio, revolta e contra-ataque daqueles que passaram pelos campos, como pode ser visto na tese da historiadora Kênia Rios, de 2014, intitulada “Isolamento e Poder: Fortaleza e os campos de concentra o na seca de 1932”. **Ou seja, se por um lado, as táticas de domina o vão sendo consolidadas de forma perversa, por outro, a popula o afetada também constrói redes de sociabilidade e resistência cultural que se alonga por gera es.**

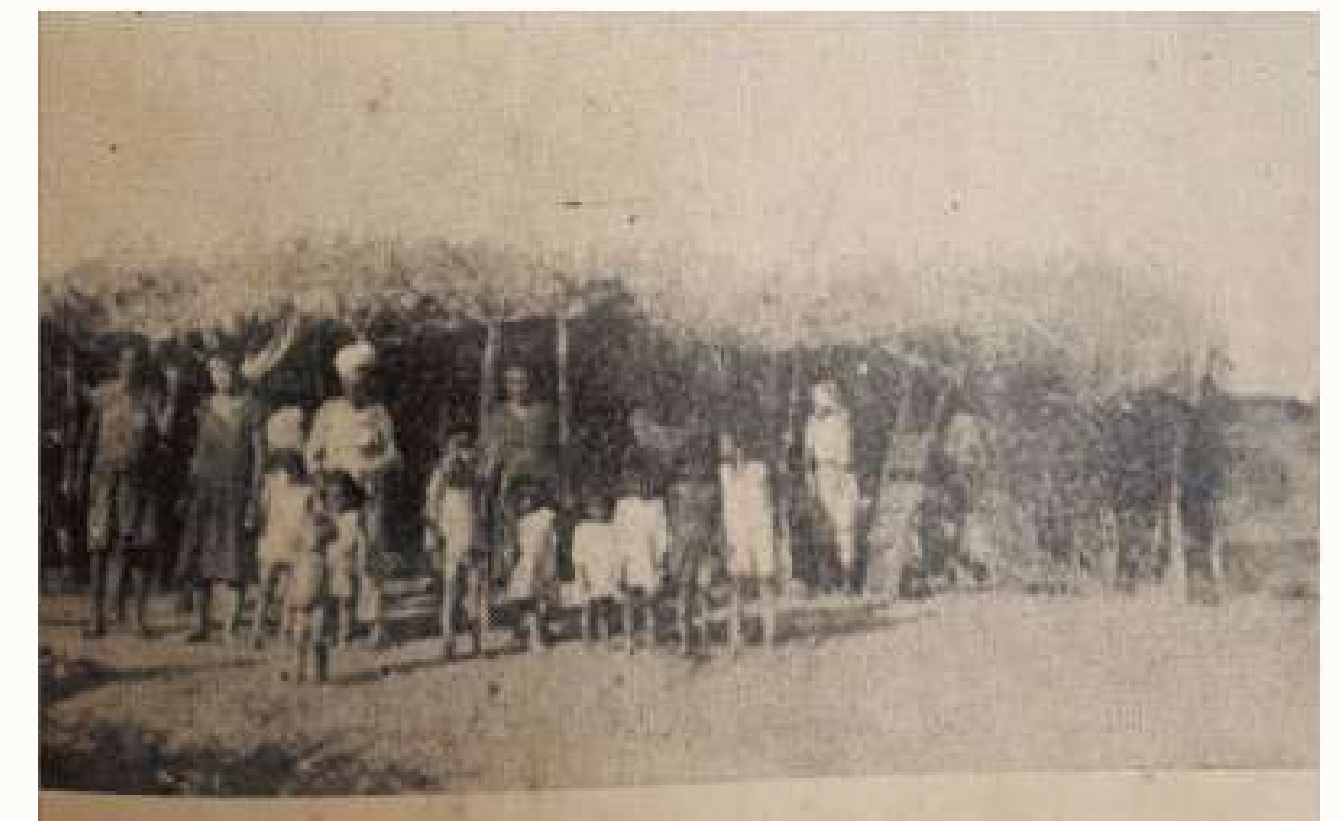


Acima: Casarão da Inspetoria em Senador Pompeu

Fonte: Arquivo Professor Mello

Ao lado: Concentra o do Buriti por José Bonifácio

Fonte: Arquivo nacional

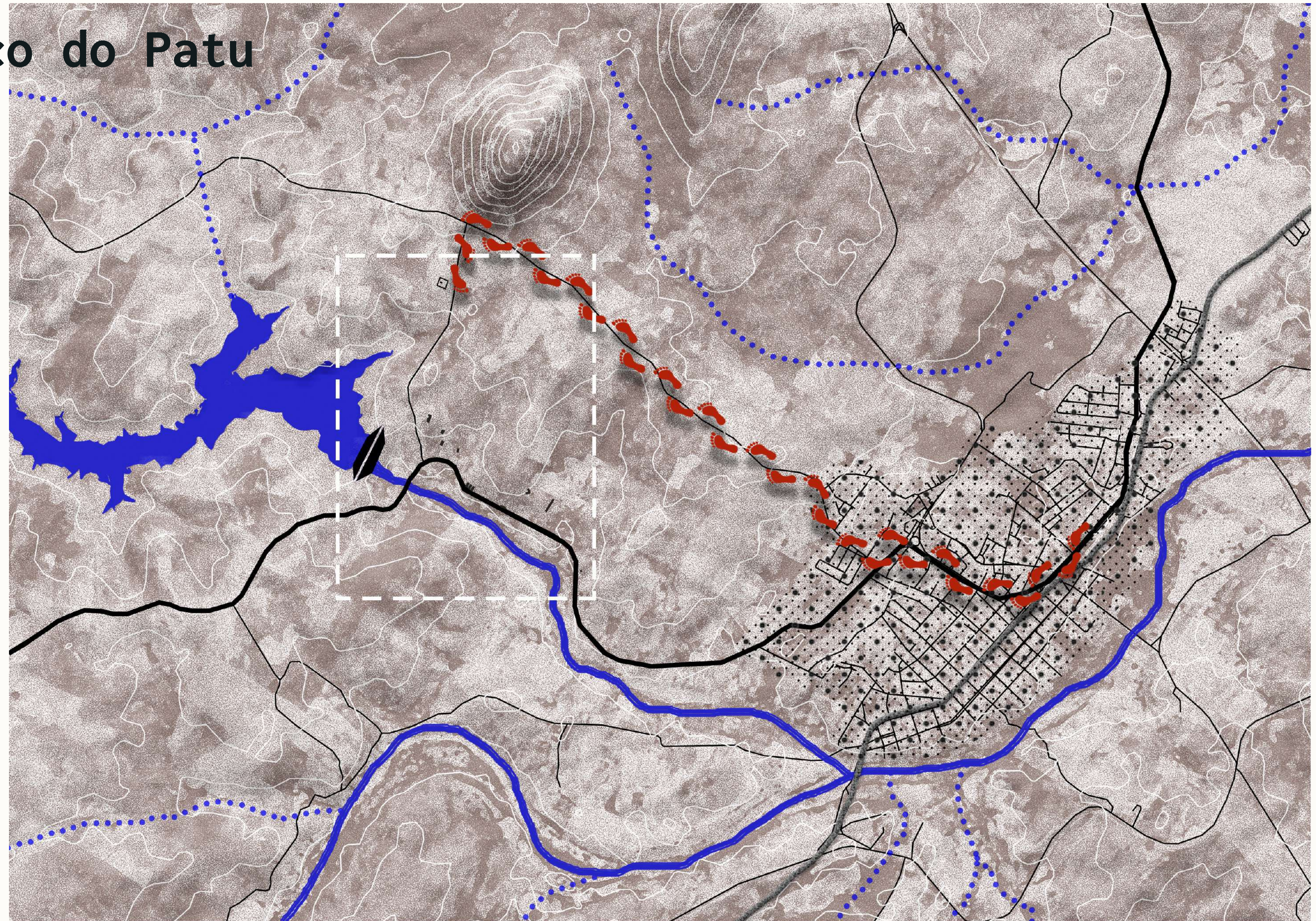


O campo de concentra o de Senador Pompeu foi erguido na Serra do Patu, próximo ao rio de mesmo nome e   barragem que estava em constru o. Nesse distrito em especial o campo reaproveitou as edifica es existentes de uma vila operária levantada para a constru o da Barragem do Patu pela empreiteira inglesa Norton Griffiths & Company Limited, como parte de um programa da antiga IFOCS - Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, atual DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. A obra teve início em 1919, porém logo sofreu com a desestrutura o do programa a partir de 1922, tendo sido concluída apenas em 1987. Popularmente a área que compreende as ruínas das constru es   conhecida como Vila dos Ingleses.

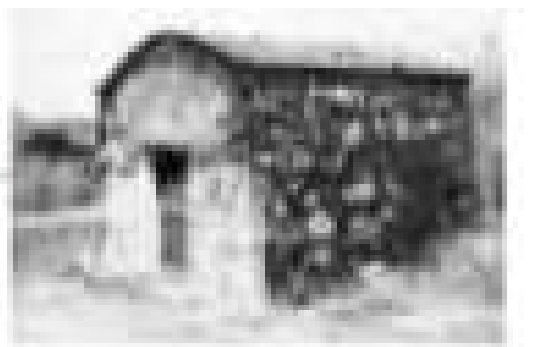
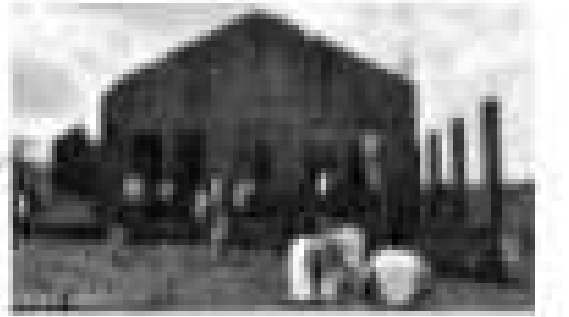
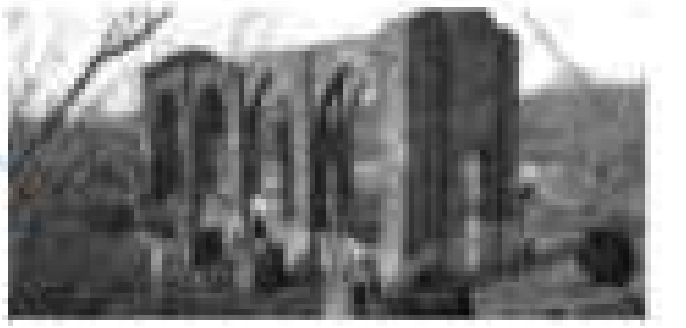
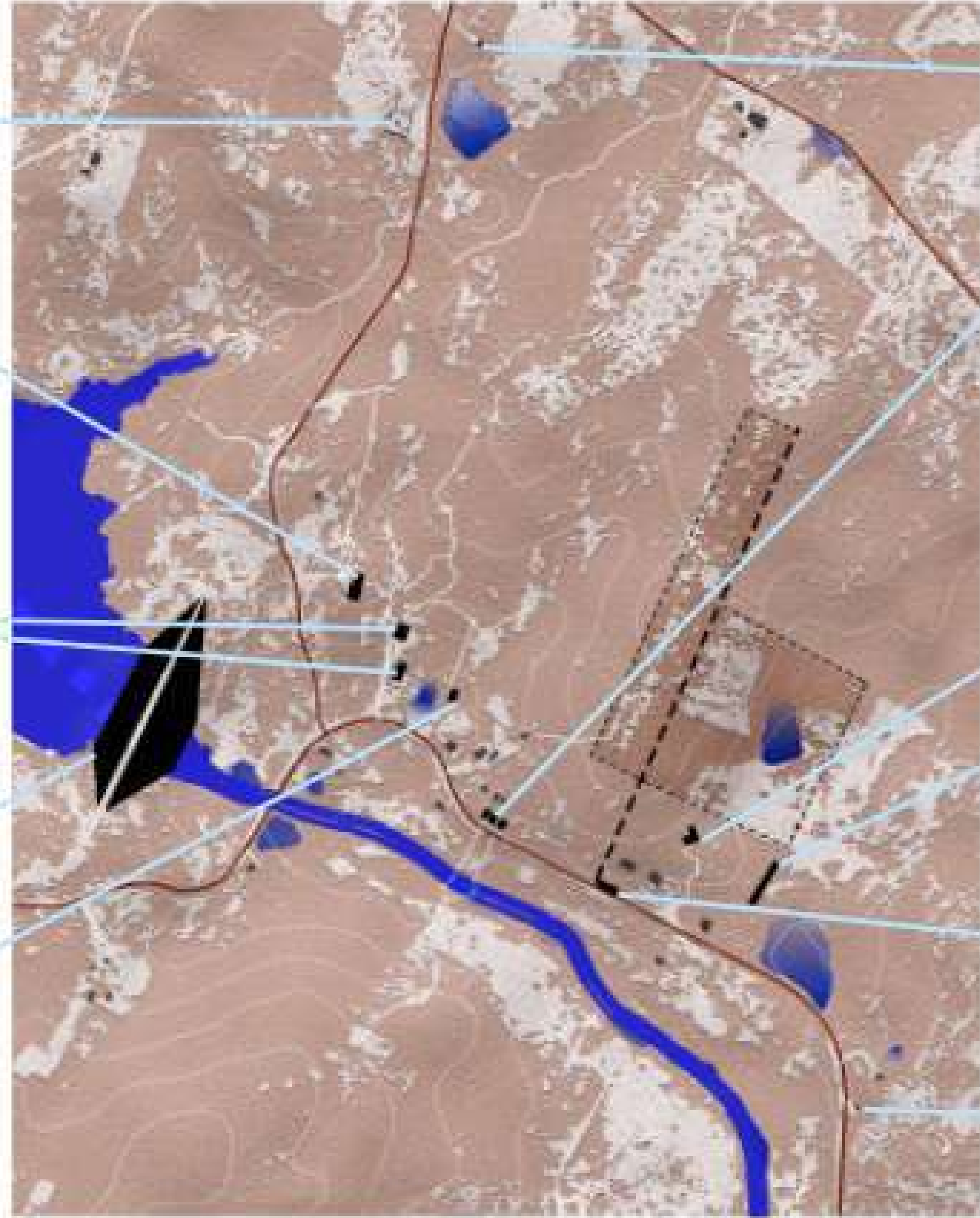
Na tese intitulada “Arquitetura, cidade e território das secas: a es da IFOCS no semiárido do Brasil (1919-1945)”, apresentada por Marcus Vinicius Dantas de Queiroz em 2020, o autor estuda os espaços produzidos pela IFOCS nas escalas do território, da cidade e da arquitetura. Ele parte da hipótese de que o órgão atuou conforme um projeto maior de design do território, que previa a moderniza o dos sertões nordestinos. A pesquisa se aproxima de Senador Pompeu no contexto das obras da Barragem do Patu, como também da vila dos operários, passando por aspectos que ligam essa estrutura hídrica   forma o de uma paisagem e de um imaginário de cultura.

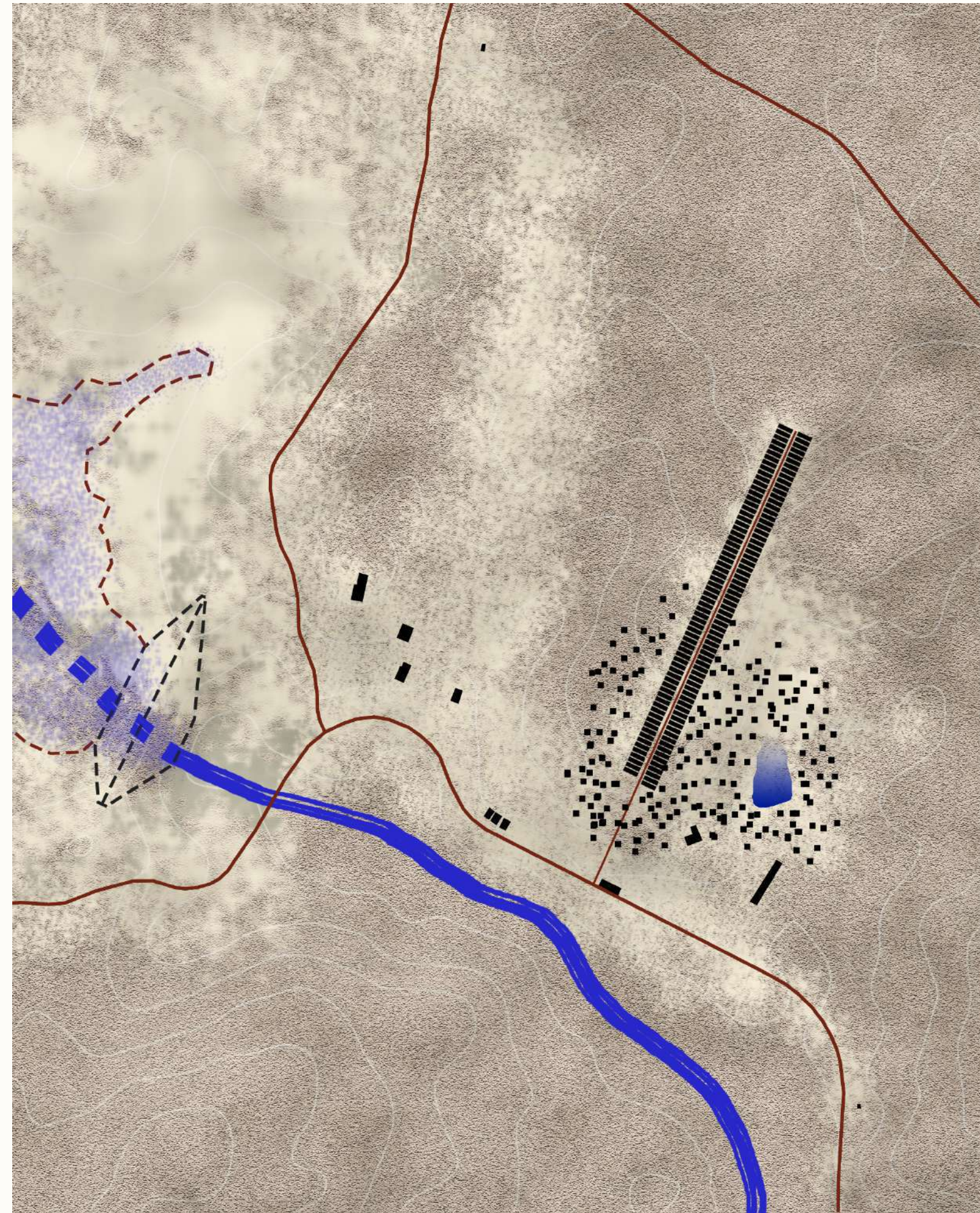
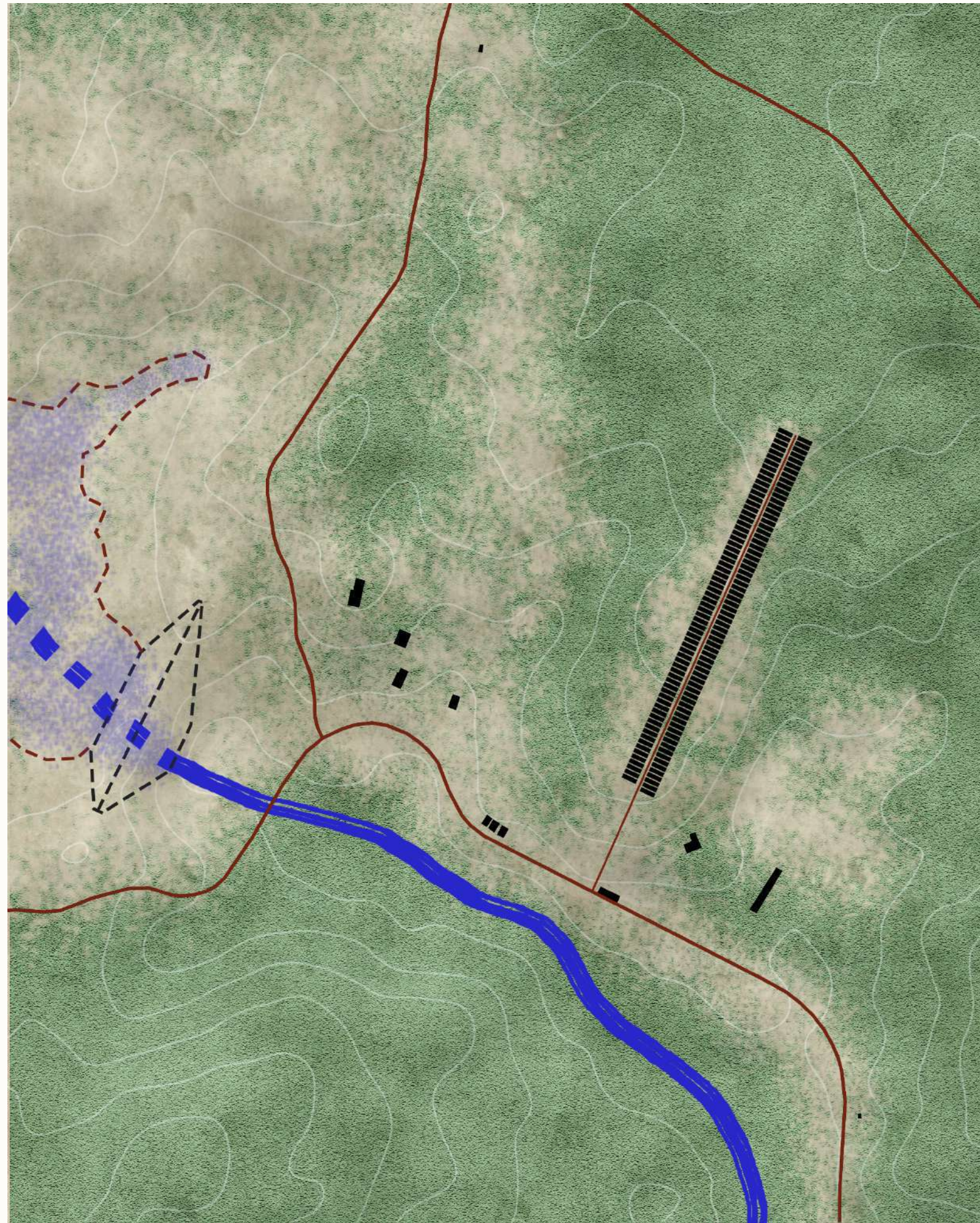
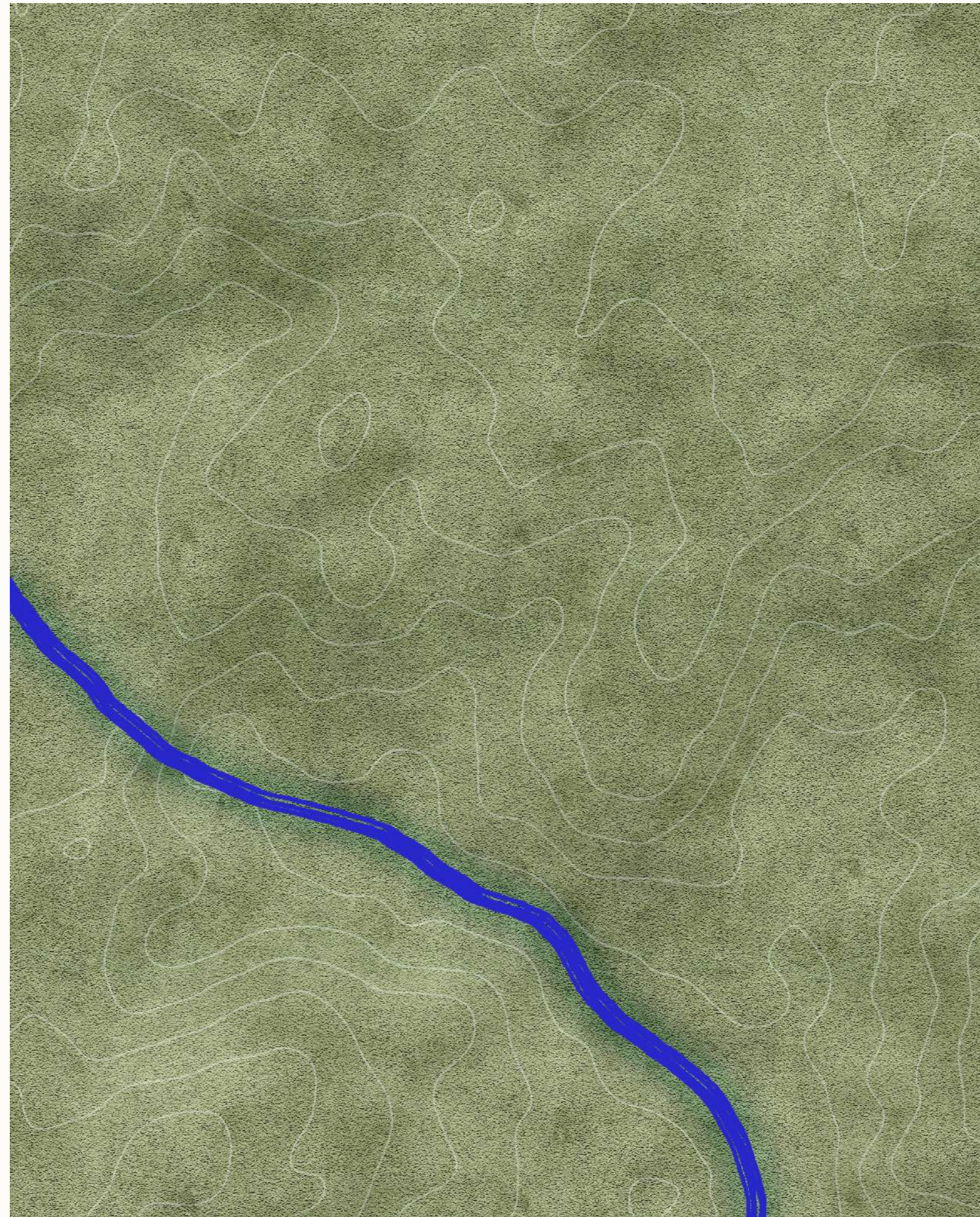


# Sítio Histórico do Patu

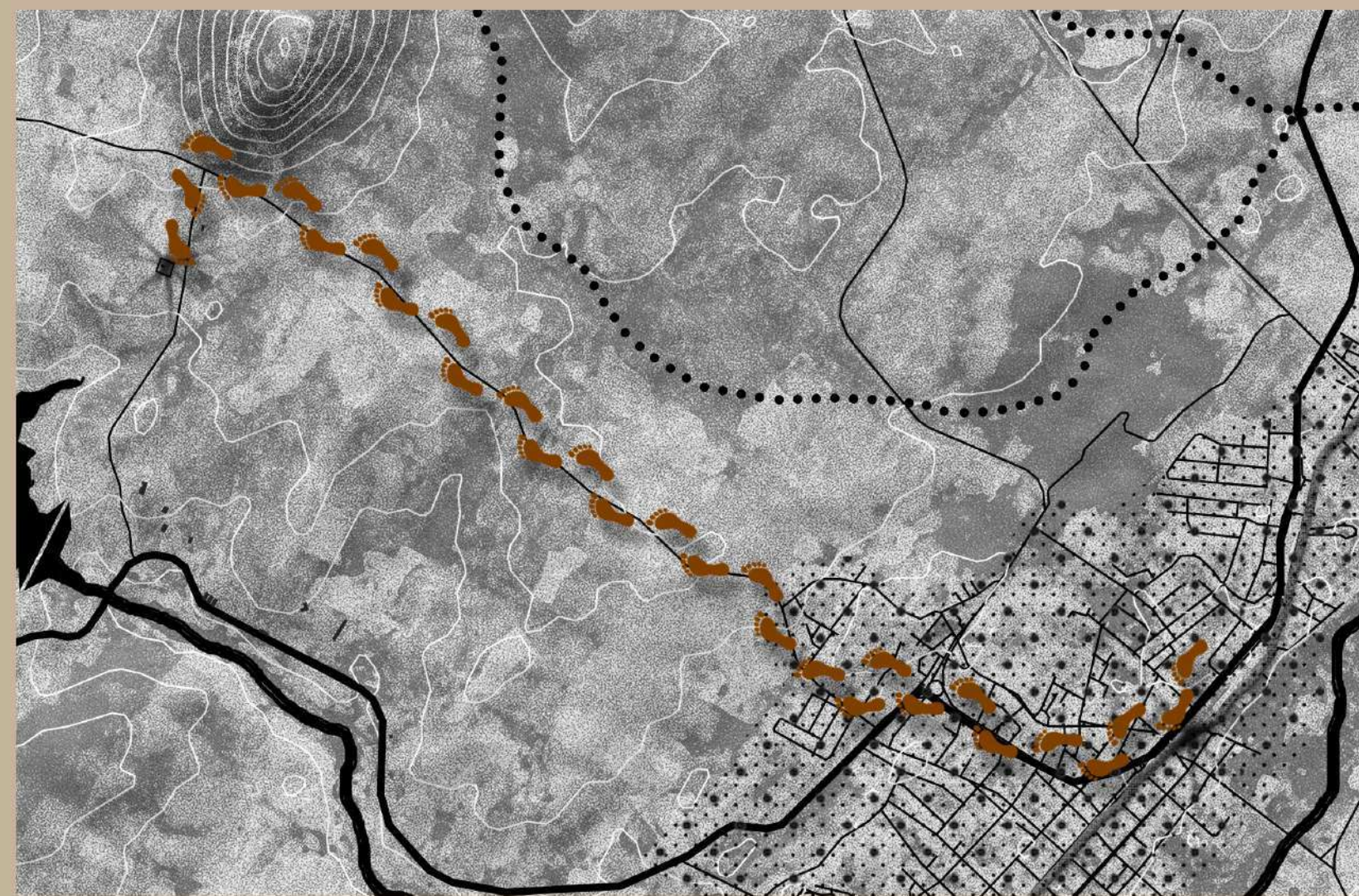








# Sítio Histórico do Patu



# Contra-narrativas

**No que tange seus aspectos metodológicos, a pesquisa emergiu da inquietação inicial de questionar as maneiras naturalizadas de se pensar e produzir arquitetura e urbanismo que, permeadas por relações colonizadas, continuam a promover saberes lineares e homogêneos.**

Nesse sentido, a contribuição da pesquisa coletiva organizada pelas professoras Paola Berenstein Jacques e Margareth da Silva Pereira, os “Modos de Pensar”, constitui a principal referência em propor uma forma de pensar transversal, que considera as “continuidades, emergências, rupturas, reações, assim como os discursos e os silêncios que atravessam espacial e temporalmente os modos de conceber a vida em cidades” (JACQUES; PEREIRA, 2018, p. 10).

A busca por posicionar a história reconhecendo as múltiplas vozes que a narram tem início com a escolha das fontes, conceitos e acervos de pesquisa e é posta em prática durante os atos cartográficos. Visto que muitas das memórias dos eventos que ocorreram no recorte estudado são passados principalmente de forma oral, gerando práticas muito particulares do local (MARTINS, 2014), o modo de pensar por montagem é uma oportunidade de narrativa a partir das sobrevivências, entendidos aqui como fragmentos (JACQUES, 2018), e o pensamento por nebulosas uma tentativa de deslocar as ideias dos saberes prontos e métodos fixos (PEREIRA, 2018).

Para se enxergar a complexidade histórica e fazer emergir outros tempos na cidade, a atividade desenvolvida no trabalho se assemelha à uma arqueologia que considera como fragmento, além da existência física dos artefatos, tudo o que se mantém vivo na memória. Seria o olhar do arqueólogo, como diria Georges Didi-Huberman “é através de um olhar desse tipo - de uma interrogação desse tipo - que vemos que as coisas começam a nos olhar a partir de seus espaços soterrados e tempos esboroados.” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 127).

No que diz respeito às evidências físico-materiais, uma abordagem a partir de ruínas arquitetônicas permite confrontar a linearidade do tempo: deixa-se claro que, na cidade do presente, coexistem situações, conflitos, personagens, mitos e planos do passado, ou de um futuro que não aconteceu (JACQUES, 2018). Ou seja, além da atividade mecânica da arqueologia, olhar como um arqueólogo colabora com a atividade da memória, como proposto por Walter Benjamin:

“No sentido mais estrito, portanto, assim como um bom relatório arqueológico não deve apenas indicar as camadas de onde provém as descobertas, mas também e sobretudo aquelas que precisaram ser atravessadas antes, a verdadeira lembrança deve, num modo épico e rapsódico, fornecer ao mesmo tempo uma imagem daquele que se lembra.” (BENJAMIN apud DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 130)

Em “Casca” (2011), Didi-Huberman reflete a respeito da natureza dos fragmentos, que aparentemente insignificantes, guardam múltiplas perspectivas sobre o todo, sobre os efeitos da passagem do próprio tempo. Na realidade do recorte de estudo, desaterrar e analisar entre camadas é uma iniciativa crítica por trazer à tona histórias de pessoas, de terras, de eventos e de culturas que sofreram violências de toda ordem pelo estado, e que com isso foram postas nas margens dos debates oficiais.

O caráter de fragmentação e a articulação entre diversas camadas, físicas e intrínsecas, são utilizadas pela artista Adriana Varejão, em suas pinturas, como artifício para contar uma história. Como diria Adriano Pedrosa, no trabalho de Varejão “**Não há uma única paisagem, como não existe uma só história. Estamos diante de camadas de paisagens e de suas histórias, representações e simbologias**” (PEDROSA, 2012).

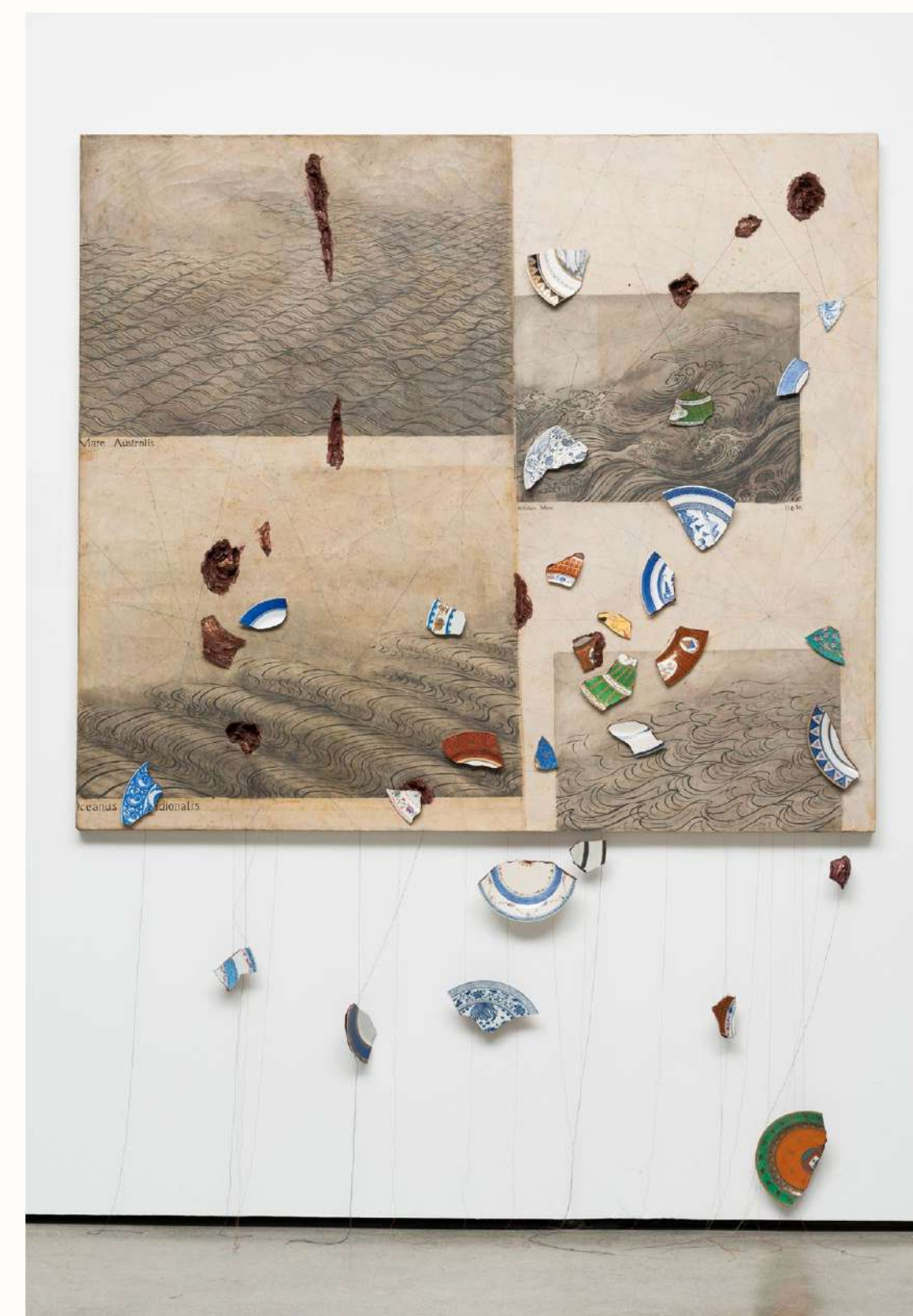
O curador sugere que há uma relação formal entre o caco - ou fragmento - e a ferida, referindo-se à ferida colonial da qual escreve Walter Mignolo. Sobre a obra, explica: “O caco articula-se com a imagem da ferida, ambos como trauma e resultado de um rompimento de uma ordem ou integridade, seja ela cultural-territorial ou físico-corporal.” (PEDROSA, 2013).

**Escolher o que se esconde e o que aparece, ritualizar a contraconquista, conectar histórias das margens: o modo pelo qual a artista cruza as múltiplas narrativas e poéticas que atravessam e se dobram em suas obras são referência para os atos cartográficos aqui propostos. Considerando que as tradicionais formas de representação em arquitetura e geografia, que prezam pelo conhecimento tecnocientífico e pelas racionalidades, dificultam ou quase anulam a diversidade dos saberes e vivências de um território, procura-se subverter o sentido unicamente descritivo das cartografias.**



Acima: “Carne à moda de Frans Post”, de Adriana Varejão, 1996. Óleo sobre tela e porcelana. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural.

Ao lado: “Linha Equinocial”, de Adriana Varejão, 1993. Óleo sobre tela, porcelana e fios de poliamida. Fonte: Plataforma online Ocula.



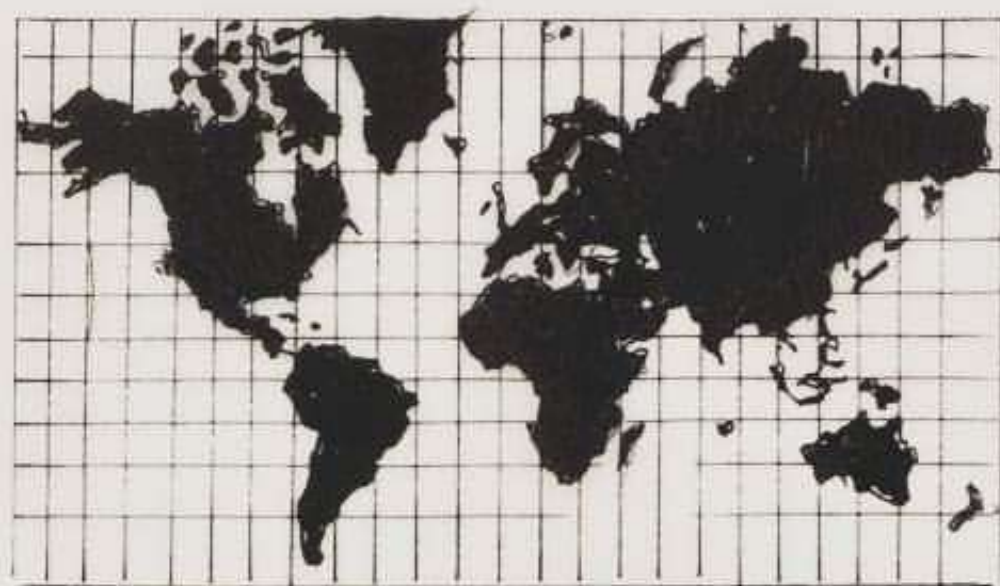


Fig. 1

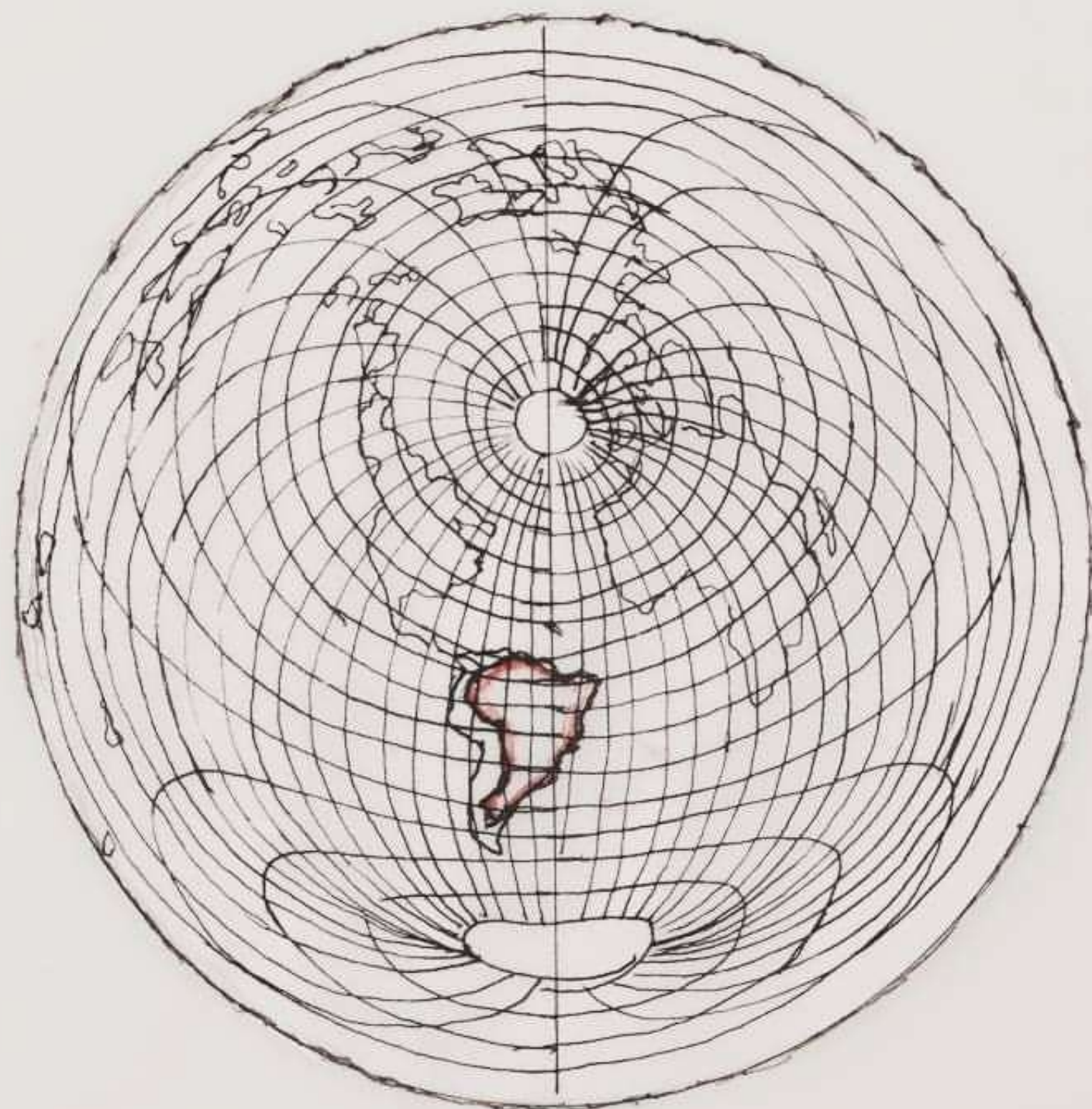


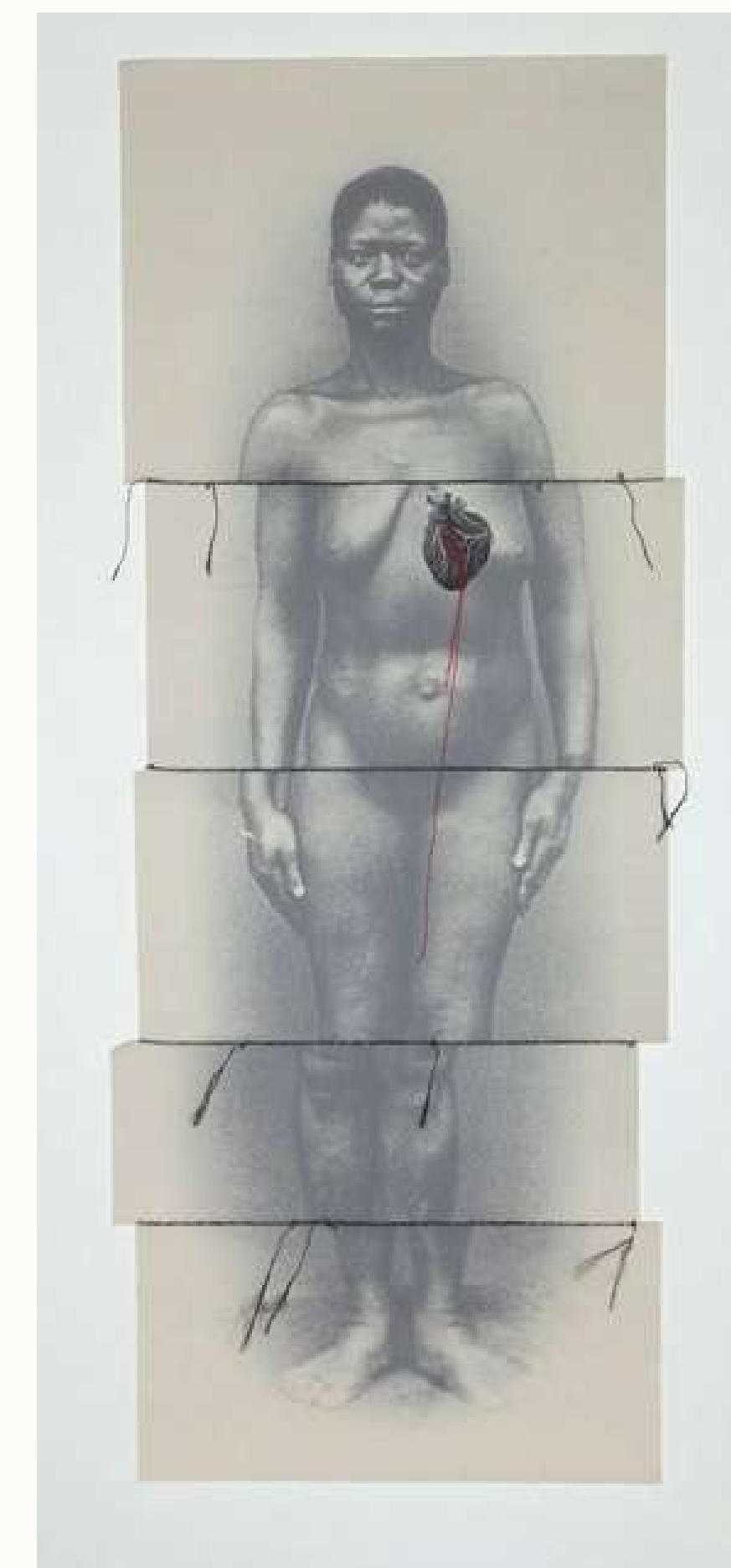
Fig.2  
 Fig.1 MAPA MUNDI-Projeção Mercator  
 Fig.2 A América do Sul como centro cultural do mundo.  
 O Brasil como centro da América do Sul.  
 O Rio de Janeiro como centro cultural do Brasil e do mundo.

*Anna Bella Geiger*  
 75

Toledo diria que o mapa vai além da representação gráfica do território, ele atua como ferramenta para “conhecimento, indexação, organização e interpretação não apenas da realidade física do mundo, mas também de aspectos sociais, históricos, antropológicos, econômicos, culturais e ainda, psicológicos e subjetivos.” (TOLEDO, 2019, p.27). Nesse sentido, os mapas da artista Anna Bella Geiger, apesar de não serem estruturados pela cartografia, utilizam-se de apropriação cartográfica para refletir no mapa as questões desejadas (TOLEDO, 2019).

**A inserção de elementos simbólicos através de processos e suportes materiais permite, não apenas a descoberta de novas alternativas de representação, como também de discussão sobre o território a partir de perspectivas críticas descolonizadoras,** em diálogo com artistas como Joaquim Torres Garcia, Cildo Meireles e Nicolás García Urriburu. Como analisa Luiz Cláudio da Costa, no artigo “A Arte da Cartografia na obra de Anna Bella Geiger”, as questões levantadas pelos mapas de Geiger podem operar em três dimensões principais: como instrumento sócio-político, como sistema de representação e como arquivo de conhecimento que articula o presente à memória (COSTA, 2011).

Ao investigar o passado, entendemos que os saberes sobre os corpos, as paisagens e as culturas tradicionais estão enraizados nas condições de colonização empregadas pelos Países Ibéricos aqui na América do Sul, que associava a produção territorial à dominação ideológica. Visto que os mapas foram criados para registrar terras descobertas e dominadas, levam o ponto de vista do homem colonizador, colaborando para a construção - e invenção - de imaginários sobre os territórios.



Acima: "Assentamento", de Rosana Paulino, 2013. Impressão digital sobre tecido, desenho, linóleo, costura, bordado. Fonte: ARTEVERSA UFRGS

Ao lado: "Rio de Janeiro como centro cultural do mundo", de Anna Bella Geiger, 1977. Nanquim e colagem sobre papel. Fonte: MASP

# Contra-narrativas

No artigo “Sertão e desierto: aproximações entre o Império do Brasil e a República da Argentina no início do século XIX”, a arquiteta Amália Cristóvão dos Santos traça um paralelo entre o uso da cartografia como ferramenta para a dominação simbólica das regiões no interior dos países. A partir desse instrumento, viabiliza-se o discurso de que essas áreas, então habitadas pelos povos indígenas, seriam vazios de civilização, como sugere Santos (2018, p. 93): “O ‘sertão desconhecido’ dos paulistas e o ‘deserto’ dos portenhos significava intenções bastante similares, a saber, o interesse pelas terras, a submissão dos nativos e a necessidade de erradicar a barbárie conservada por essas populações.”

A representação desses lugares de ausência, relacionando-os à barbárie, justificou o emprego de violência contra os povos indígenas durante os governos coloniais (SANTOS, 2018) e posteriormente também sobre outras populações. Como explica Antonio Carlos Robert Moraes (2003, apud SANTOS, 2018, p. 95):

“Enfim, **o sertão é uma figura do imaginário da conquista territorial**, um conceito que ao classificar uma localização opera uma apropriação simbólica do lugar, densa de juízos valorativos que apontam para sua transformação. **Nesse sentido, a designação acompanha-se sempre de um projeto (povoador, civilizador, modernizador), o qual almeja – no limite – a superação da condição sertaneja.**”

Em “Atlas Ambulante”, de Renata Marquez e Wellington Cançado, registram-se cartografias a partir dos percursos de alguns ambulantes na cidade, que são caminhos e corpos invisibilizados. Como dizem os autores, acerca do projeto: “Uma tentativa visual de representar identidades através de histórias contadas e de geografias praticadas. **Esses mapas tornam visíveis as andanças e as estratégias de mobilidade de cada um deles, em vez de revelar a sua localização precisa no espaço-tempo da cidade.**” (MARQUEZ; CANÇADO, 2011, pág. 10)

# corpo-território

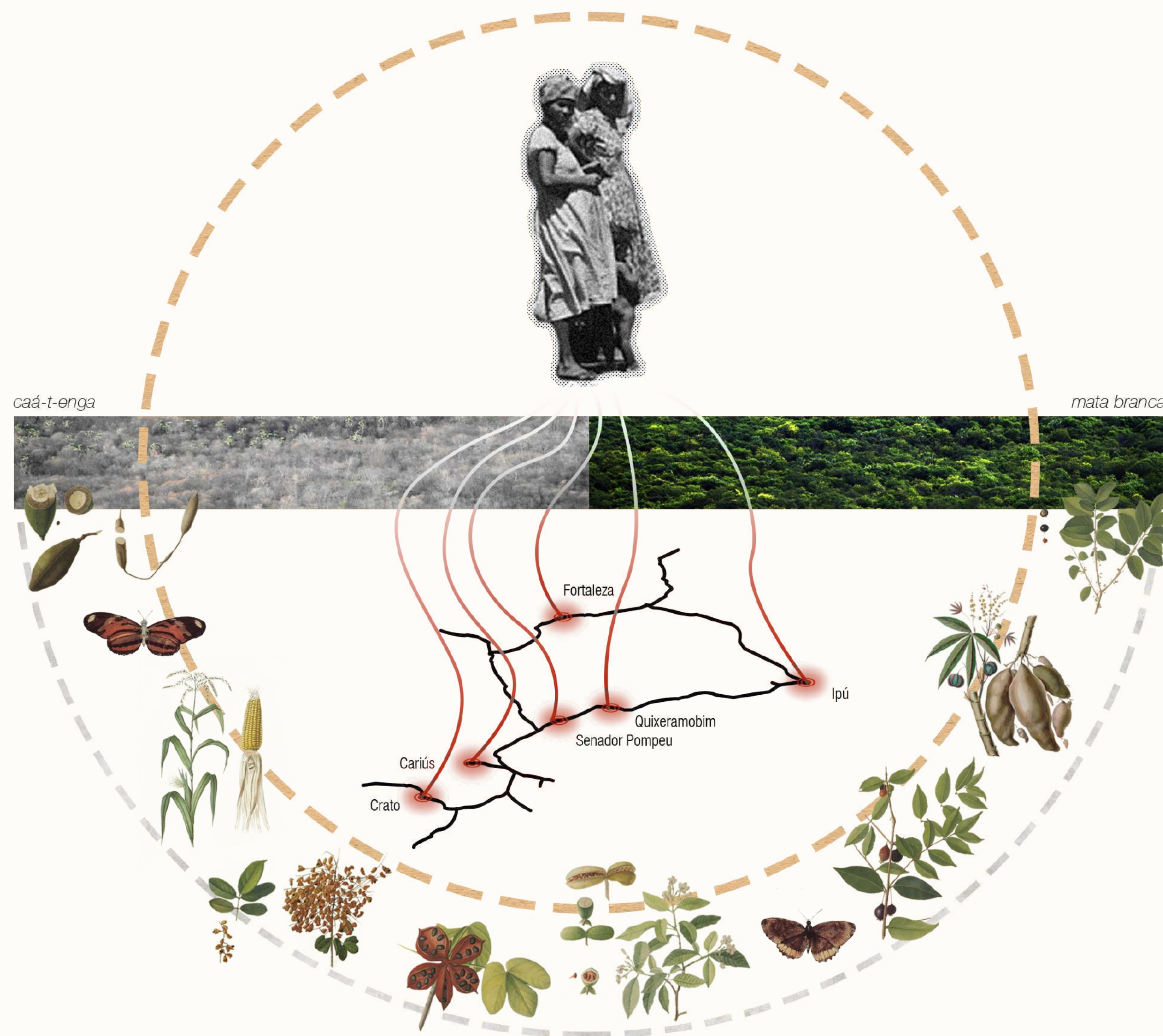
Para encontrar os estudos do território com as referências de pensamento da história, trazemos ideias e autores que entrecruzam o tempo-espaço para pensar nas possíveis articulações entre corpo e território. A origem do pensamento está em desconstruir a dialética e assumir o corpo-território como algo único, como matéria, o que nos permite ponderar, para além das ações humanas, o intrincado contexto de relações multiespécies. Nessa dimensão, diria Wellington Cançado que

“A floresta, há muito sabemos, mais que um bioma natural, é um artefato multiespécies coproduzido pelos ameríndios e seus demais inquilinos não-humanos; uma metafísica, um modo de nutrir espacialidades e um regime de visibilidades, umbilical e ontologicamente relacionados aos modos de existência nativos.” (CANÇADO, 2019, p. 22)

Ou seja, mesmo que a pesquisa se volte para pensar as relações corpo-território do Campo de concentração do Patu em 1932, faremos deslocamentos na metodologia, partindo do recorte específico para poder falar sobre os corpos que habitam e transitam no território do Brasil. Da mesma forma, o pensamento cartográfico não busca criar uma nova narrativa sobre o lugar, mas dedica-se a costurar e dar luz a determinadas histórias, operando como uma cartografia parcial dessa memória e resistência.

Algo próximo do trabalho de Cançado na tese de 2019 “Sob o pavimento, a floresta”, inspirado na “especulação fabulativa” de Donna Haraway (2013), em que entre tantas histórias identificadas, escolhe-se contar parcialmente aquilo que é possível. Nessa mesma linha, Caporrino testaria em projeto (2018) “pensar o Amapá a partir da aldeia”. O Brasil, a partir do Amapá. O mundo, a partir do Brasil”, invertendo a lógica geográfica colonial.

Os corpos considerados são os humanos e não-humanos, visto que a matéria é entendida aqui como tudo o que compõe, participa e transforma o mundo: pessoas, animais, plantas, fungos, rochas, água. Toda a matéria se transforma em terra com o passar do tempo, que por sua vez, dá forma ao território. É o chão onde se pisa, onde se planta e se colhe, e que se transforma em casa ou em objetos do dia-a-dia.



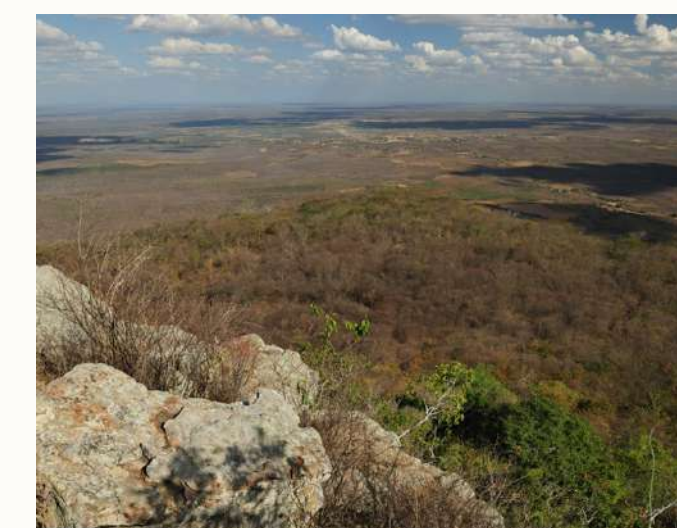
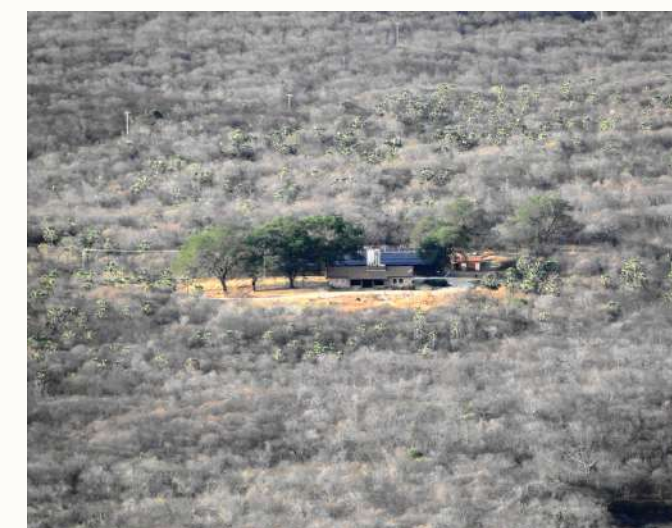


O relato de Larissa Ye'padiho, mulher indígena do Alto Rio Negro, para o Edital Sementes (2021), mostra como é a relação das mulheres com a terra:

“Nós mulheres somos artesãs, com argila fazemos panelas de cerâmica; com cipó, balaios naturais; com arumã, cestas; com tucum, bolsas e redes; com as sementes, colares. É a nossa renda familiar, é o nosso sustento.”

O trabalho de Ernesto Neto se destaca pelos ambientes criados com tecidos, semelhantes a arquitetura interna de um organismo, em que o artista faz uma analogia do corpo e da paisagem como algo único e vivo (GOLDSTEIN; LABATE, 2017, p. 449). Em entrevista para a revista *Arterritory* (2020), Neto conta da sua percepção de corpo e de território:

“Certa vez fiz uma exposição intitulada ‘O Corpo como Território’. A ideia de território é muito ampla, podendo acontecer de forma abstrata ou material. Mas há um detalhe importante. Em português, e acredito em qualquer língua latina, 'território' é um corpo político, mas também é terra, a terra, mãe terra, nosso corpo. Tem uma obra da Lygia Clark intitulada ‘A Casa é o Corpo’, que ela chamou de 'arquitetura biológica' e 'nostalgia do corpo'. Um dia, recebi uma mensagem que era uma variação da declaração de Clark de 1968, dizendo 'A Terra é o corpo'. Quando dizemos assim, sentimos que estamos dentro da terra, como parte dela; trazemos de volta a paisagem ao nosso corpo, e nos sentimos como parte dele e não como se estivesse separado de nós.”



À direita: variação da natureza da Caatinga  
Fonte: Associação Caatinga



Em seu livro “Estar Vivo”, Tim Ingold aborda todas as formas de vida, humanas, animais, vegetais, fúngicas e bacterianas, juntos ao meio físico que habitam, como constituintes de um só ambiente: o mundo material, ou seja, o mundo da matéria (INGOLD, 2015). O antropólogo argumenta sobre o constante movimento de formação e transformação do mundo:

“As coisas estão vivas e ativas, não porque estão possuídas de espírito - seja na ou da matéria - mas porque, as substâncias de que são compostas continuam a ser varridas em circulações dos meios circundantes que alternadamente anunciam a sua dissolução ou - caracteristicamente com seres animados - garantem sua regeneração. O espírito é o poder de regeneração desses fluxos circulatórios que, em organismos vivos, estão ligados em feixes ou tramas firmemente tecidas [...] e a este respeito os seres humanos não são exceção.” (INGOLD, 2015, p. 63)

A conexão com a terra, experiência dificultada hoje nas grandes cidades humanas, sobrevive e é vivida pelos povos das florestas e dos campos - ou como Cançado (2019) sugere a correção - “‘campo’ não passa de um eufemismo macropolítico para designar ex-florestas”. Tânia Stolze Lima indicaria como “cultura-território” a relação inseparável de vida que torna o corpo humano e o corpo território um só organismo; o termo cultura remete ao ato de cultivar e de ser aculturado pela terra (LIMA, op. cit, p. 227).

Quem se convencionou chamar de retirante, flagelado ou cassaco, segundo Prado Júnior (2000), são os descendentes dos homens livres e sem terra do período colonial que, no sistema econômico e político, são historicamente submetidos como mão de obra barata e escrava. Como bem lembra Eduardo Viveiros de Castro (2006, p. 6):

“Como se sabe, as antigas missões que estão na origem de tantas cidades, vilas, vilarejos e arraiais do interior do Brasil foram os lugares privilegiados dessa fabricação do componente indígena do ‘povo brasileiro’, ao sintetizar os célebres índios genéricos, os índios de aldeamento, catecúmenos do sacramento estatal da transubstanciação étnica: a comunhão nacional... A Constituição de 1988 interrompeu juridicamente (ideologicamente) um projeto secular de desindianização, ao reconhecer que ele não se tinha completado.”

Apesar de não existirem muitos estudos sobre os povos indígenas do interior do Ceará e as únicas documentações terem sido feitas pelos homens colonizadores, sabe-se que era a terra ancestral dos povos indígenas Tarairiús, mais especificamente o território que compreendia os sertões do Ceará até o Rio São Francisco.

Como o interior do Ceará foi sendo ocupado através de sesmarias concedidas entre anos de 1707 à 1821 (ARARIPE, 1958), os primeiros a explorar e dominar essa parte do território foram os sesmeiros de grandes famílias, acompanhados de seus vaqueiros e escravos. É fundamental então reconhecer que **os corpos sertanejos carregam uma rede de culturas, raças e vivências costuradas por muitas heranças.**

Durante as cheias, o entrelaçamento com a terra se fortalece com os trabalhadores rurais em sítios de grandes fazendeiros. Durante a retirada nos períodos de seca, a vida é fragmentada: o trânsito impõe repensar as relações corpo-território. Nesse quadro de violência, o debate se coloca para além das questões climáticas e ambientais do território, como bem sustenta Donna Haraway:

“Trata-se de mais do que ‘mudanças climáticas’; trata-se também da enorme carga de produtos químicos tóxicos, de mineração, de esgotamento de lagos e rios, sob e acima do solo, de simplificação de ecossistemas, de grandes genocídios de pessoas e outros seres etc., em padrões sistemicamente ligados que podem gerar repetidos e devastadores colapsos do sistema.” (HARAWAY, 2016, pág. 139)

De acordo com a antropóloga, a monocultura pode entrar como o ponto chave que organiza as práticas espaciais modernas que submetem povos e seus territórios através do trabalho escravo e forçado, da conquista de terras e do desmatamento (HARAWAY, 2016), **provocando formas de fragmentação do corpo-território.** A ação violenta da modernização sobre o campo e a floresta obriga que as pessoas deixem seus lugares de origem, e assim, tudo que construíram de coletivo, vivência, morada e família, para tentar trabalho nos centros urbanos, onde são jogadas para as periferias. Nesse sentido, percebe-se que **os migrantes por conta da seca se inserem num contexto maior de deslocamentos, apagamentos e desposseções nesse território que são historicamente silenciados e não aparecem nos registros cartográficos.**





Acima: Vaqueiro do Sertão do Ceará, desenho de Percy Lau.

Na obra literária de Ronaldo Correia de Brito, em especial nos contos do livro "Faca", publicado em 2003, o plano de fundo é o sertão cearense dos Inhamuns, onde o autor nasceu e a partir do qual as histórias se desenvolveram, contribuindo para um rico debate sobre gênero, papéis sociais e identidades culturais na contemporaneidade sertaneja, como analisa Nathália Perry Clark (2012). A sociedade que vai sendo estruturada pela criação de gado e pela agricultura, em análise dos contos de Brito, faz do **vaqueiro** o elemento mais importante em uma fazenda:

“De confiança do proprietário, eles recebem leite das vacas, com o qual produzem queijo, abrem pequenas roças de milho e vegetais, e quase sempre criam galinhas, cabras, ovelhas e porcos. Os demais ‘moradores’ usualmente formam a maior classe da fazenda. Ganham a vida com a agricultura de subsistência, e eram residentes em áreas rurais dispersas, ou, menos frequentemente, em pequenas casas cerca da casa principal. **Vieram de diversas fontes. Alguns descendentes dos índios originários, outros de sem-terras que acompanharam os sesmeiros. A maioria dos membros deste grupo foram vítimas das secas ou da fragmentação das propriedades, o que tornava algumas economicamente inviáveis de tão pequenas. Severas estiagens, que particularmente exigiam o desterro da área, resultaram em muitos deslocamentos permanentes.**” (CLARK, 2012, p. 75-76, grifo meu)

É importante problematizar e denunciar os estereótipos produzidos ao longo de gerações por narrativas apoiadas no determinismo ambiental e no racismo, como é o caso do imaginário do sertão-sertanejo produzido no livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha. Ao relacionar os aspectos da paisagem com os habitantes do território, formaram-se estereótipos nacionais, entre eles o vaqueiro, o cangaceiro e o próprio sertanejo nordestino. Em “Tipos e Aspectos do Brasil”, uma série que circulou a partir da quarta edição da Revista Brasileira de Geografia, em 1939, através de desenhos e textos, dos quais destacam-se os de Percy Lau, são retratados os tipos sociais nas formas de morar, habitar, se alimentar, se vestir e de viver nas diferentes regiões do país.

Além da objetificação de pessoas e paisagens, Heliana Angotti-Salgueiro (2005, p. 61) comenta que **“A questão principal não é, portanto, a ‘invenção’ das representações como se convencionou dizer, mas sim saber o que ficou fora do repertório de desenhos e fotografias e as razões de escolhas, recusas e reiteração de registro e do caráter que assumem ao longo do tempo.”** Visto o meio em que a revista circulou, em plena ditadura, conclui-se que ela serviu a propósitos ideológicos e pedagógicos de **construção de uma identidade nacional**. Ao mapear e valorizar as formas etnográficas do país, foi possível embasar projetos políticos de intervenção nos territórios, que acabavam na submissão dos povos, de acordo com Angotti-Salgueiro (p. 68):

“A descentralização regional, o isolamento e a necessidade de absorção da mão-de-obra do Nordeste justificavam a ‘epopéia’ da construção dessas estradas, bem como a ocupação do território e a colonização agrícola, objeto então de projetos oficiais. As riquezas potenciais da região são louvadas ao longo do texto, a articulação estradas/rios em uma malha utópica tantas vezes presente na história das intervenções no território brasileiro vêm à tona, reafirmando a busca da ‘unidade da comunidade nacional’. (...) Pode-se pensar geograficamente no gesto clássico de “territorialização” nacional a cumprir, ou seja, na produção de um espaço e sua apropriação simbólica.”



# corpo-território



Estudiosas como Haraway e Tsing enxergam o cerne das formas de cultivo atuais nas plantations do período colonial. A eficiência desse modo de produção territorial em gerar lucro, fazendo com que se desenvolvesse e modernizasse em alta escala, velocidade, sincronicidade e complexidade, tornou-o um fenômeno sistêmico, designado como **Plantationoceno (HARAWAY, 2016)**. No Brasil, o agronegócio move esse processo histórico de **esgotamento e destruição da ecologia, como retrata Cançado:**

“À medida que a floresta amazônica e o Cerrado (mas também o Pantanal, a Caatinga e ainda a Mata Atlântica) cedem lugar à geometria pixelada e desbotada da monocultura, ou à voracidade das espécies de capins invasoras, aquela terra impermeável à visão dos não-indígenas e aquelas matas emaranhadas e multiespécies se transformam rapidamente num conjunto de hiperpaisagens recheado de contradições, palimpsesto de centralidades e periferias – ou aquilo que ainda achamos ser as periferias e os centros.” (CANÇADO, 2019, p. 196)

Nesse contexto de dupla dimensão do apagamento da memória, material e imaterial, a potência para visibilizar os seres em trânsito que não se encaixam nos projetos urbanos do território é através do resgate de suas histórias. Os professores Haddock-Lobo e Simas, no livro “Arruaças”, irão afirmar que os saberes populares brasileiros, que são passados de geração em geração, são desdobramentos dos muitos cruzos e diásporas que ocorreram na história e continuam ocorrendo atualmente no país, ressaltando que **“A experiência de ser em trânsito traz essa força que nenhum pensamento de lugar fixo é capaz de alcançar.” (HADDOCK-LOBO, 2020, pág. 173).**

A seca no nordeste e a conseqüente migração forçada de muitos trabalhadores rurais e suas famílias é uma problemática ainda corrente e sob risco de piora com o aquecimento global (Dereczynski, 2021). Resgatar a conexão ancestral entre corpos e territórios é a brecha para entender que o território vai além do funcional, ele é construído e vitalizado a partir das relações subjetivas multiespécies. Como é desenvolvido em um conto por Rufino (2020, p.181), a **“ancestralidade é o fiar cotidiano da partilha, do passar adiante, da amarração do elo entre aquele que já fez o caminho e o outro que ainda irá caminhar. Ancestralidade é o alargamento do presente, o não esquecimento e a vida pulsando.”**

# Cartografias em trânsito

As cartografias propostas funcionam como exercícios de pensamento e representação, partindo dos fragmentos observados nas leituras da abordagem, porém, continuamente produzindo outros fragmentos. Entre tantas possibilidades, experimenta-se mapear os **trânsitos do corpo-território**, entendendo que esses movimentos que acontecem desde sempre no país tem uma grande potência de costurar outras histórias relevantes para questionar a realidade, a memória, o projeto, a paisagem.

No **primeiro ato** a premissa é a desconstrução da linearidade do tempo e remontagem dos acontecimentos que marcam, direta ou indiretamente, o recorte em estudo. As linhas simulam os trajetos entre as peças: possíveis descobertas, encontros e semelhanças, relações espaço-temporais. Parte-se de algo próximo a um tabuleiro de jogo, ortogonal e fixo, que localiza os fragmentos, verticalmente para baixo, na escala do Brasil, dos Sertões, do Ceará até chegar à Senador Pompeu e, horizontalmente, a passagem do tempo no recorte analisado, do ano de 1870 à 2021. Os fragmentos são representados por uma imagem que remete ao acontecimento, enquanto as palavras remetem aos sentidos, sensibilidades e subjetividades que vão sendo escavados conforme o deslocamento dos fragmentos da história.

No **segundo ato** a tentativa é de, a partir de relatos e histórias de pessoas que passaram pelo campo de concentração do Patu em 1932, mapear de onde elas vinham e para onde desejavam, ou, eram forçadas a ir. Dessa forma, constituiu-se um mapa a partir de outros mapas, que mostram estudos sobre esses lugares que se relacionam diretamente com os movimentos de retirada da seca: de um lado, as terras no entorno do sítio histórico - Senador Pompeu, a Bacia hidrográfica do rio Banabuiú e a região do semiárido brasileiro - e de outro, as terras as quais se desejava chegar ou para onde foi involuntariamente destinado - a cidade de Fortaleza, a região norte e a região sudeste do país. As informações contidas nos mapas são usadas de base e, através de operações simbólicas, são complementadas ou contradizadas. O corpo é representado também de modo fragmentado. São utilizadas linhas de bordado sobre tecido de algodão.

No **terceiro ato** a performance é escolhida como meio de abraçar o trânsito contido nos materiais e processos criativos. É feita uma primeira base com argila em que a malha da cidade, no recorte do Sítio histórico, é reproduzida de maneira livre: as principais rotas, as ruínas, o cemitério, a barragem e o açude. Então se iniciam operações de corte, escavação, modelagem e substituição das convenções cartográficas por imagens simbólicas que remetem à outros tempos e escalas, resgatando sentidos que em mapas tradicionais e fixos são difíceis de perceber ou são descartados.

**1<sup>o</sup> ato**



01

caminhos de ferro

rota



02

da migração

efêmero



03

lugar na capital

MÉTODO

HÁBITOS



04

poder



05

interferência no espaço

corrupção



06

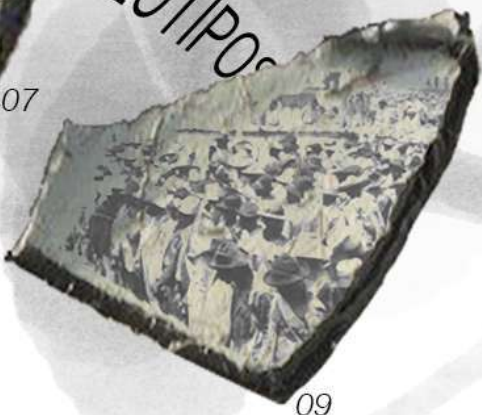
acordo e conflito

intervenção causa revolta



07

ESTEREÓTIPO



08

seca em imagens

DESAGREGAÇÃO



10

RELATOS



11

progresso e racionalidade



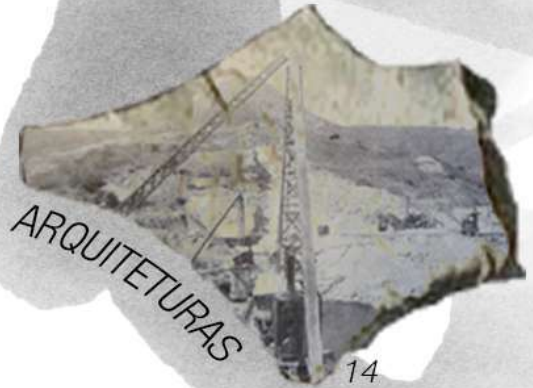
12

desenho da paisagem



13

CORPORIFICAR



14

ARQUITETURAS

fragmentos do processo



16

SOBREPOSIÇÃO  
ruína



15

expansão e exploração



18

TRÂNSITO



17

REVOLUÇÃO

vigília



20

conjuntura de violência



O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO  
Cerca de vinte aglomerações  
Escassez de Ração - Outros Inconvenientes



19



CONTROLE

mil Famintos  
rados  
Estado Sanitário-  
iformes



21

FERIDAS

O EFETIVO DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO DOS FLAGELADOS

potências



22

PRESEÇA

afirmação



troca simbólico

LEMBRANÇA

COMUNICAR-SE



25

continuidade



26

herança



27

movimento cultural

COSTURA



28



29

patrimônio



30

RESGATE

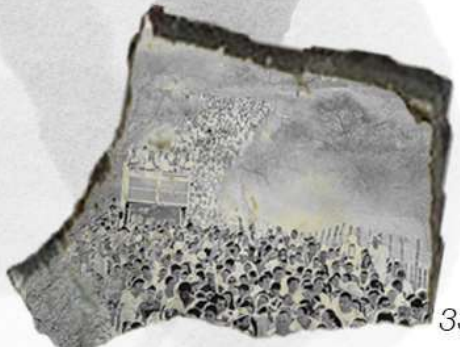


32



31

montagem



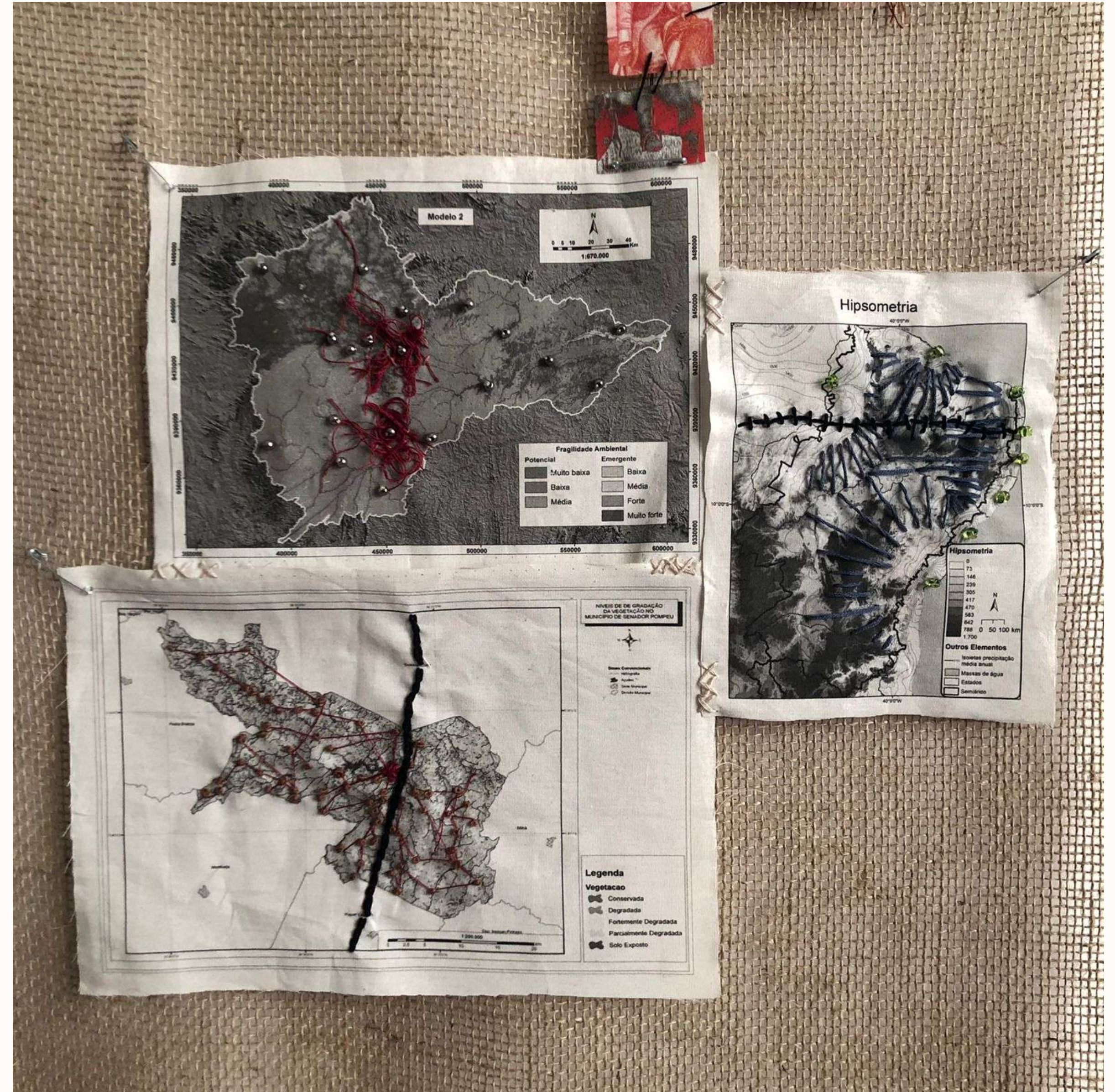
33

ritual

**2º ato**

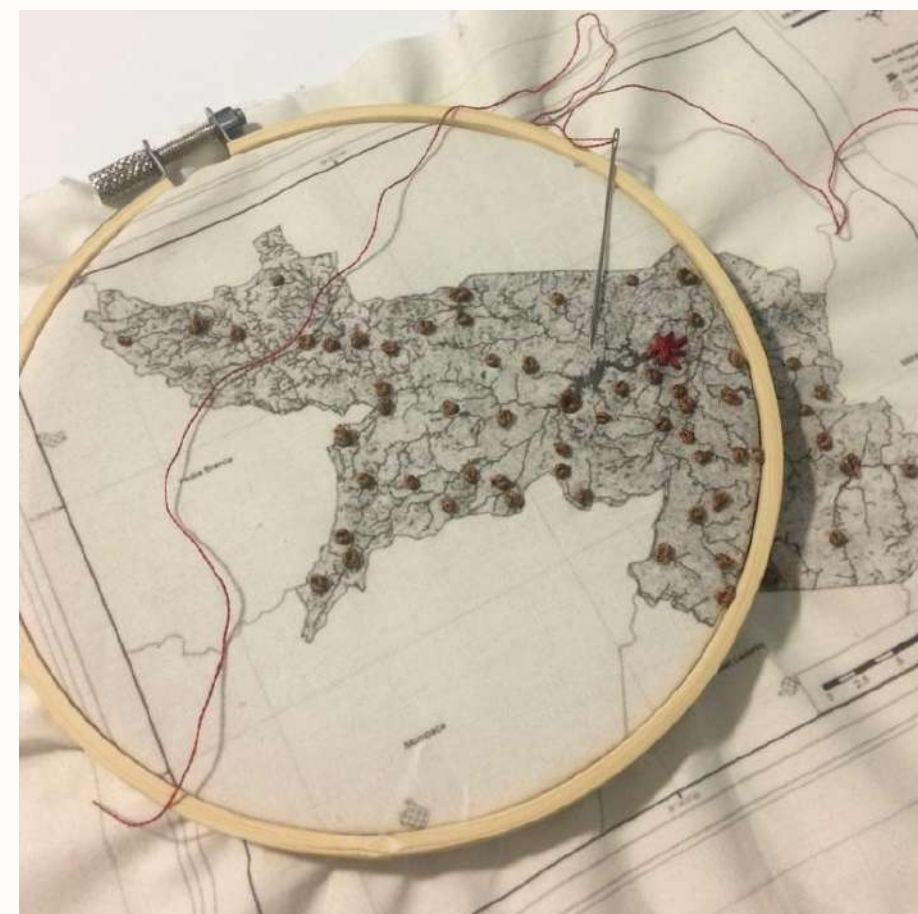




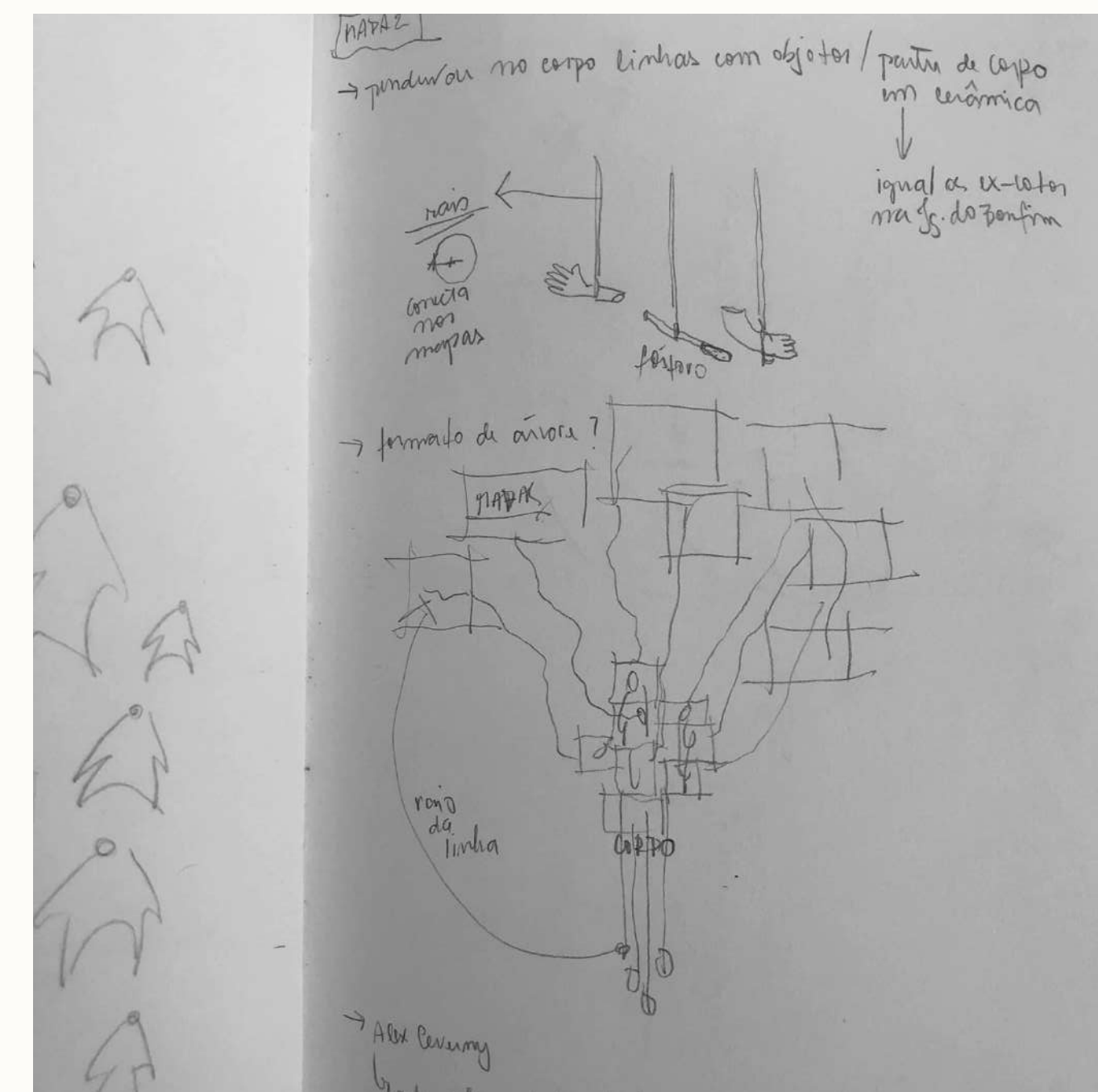
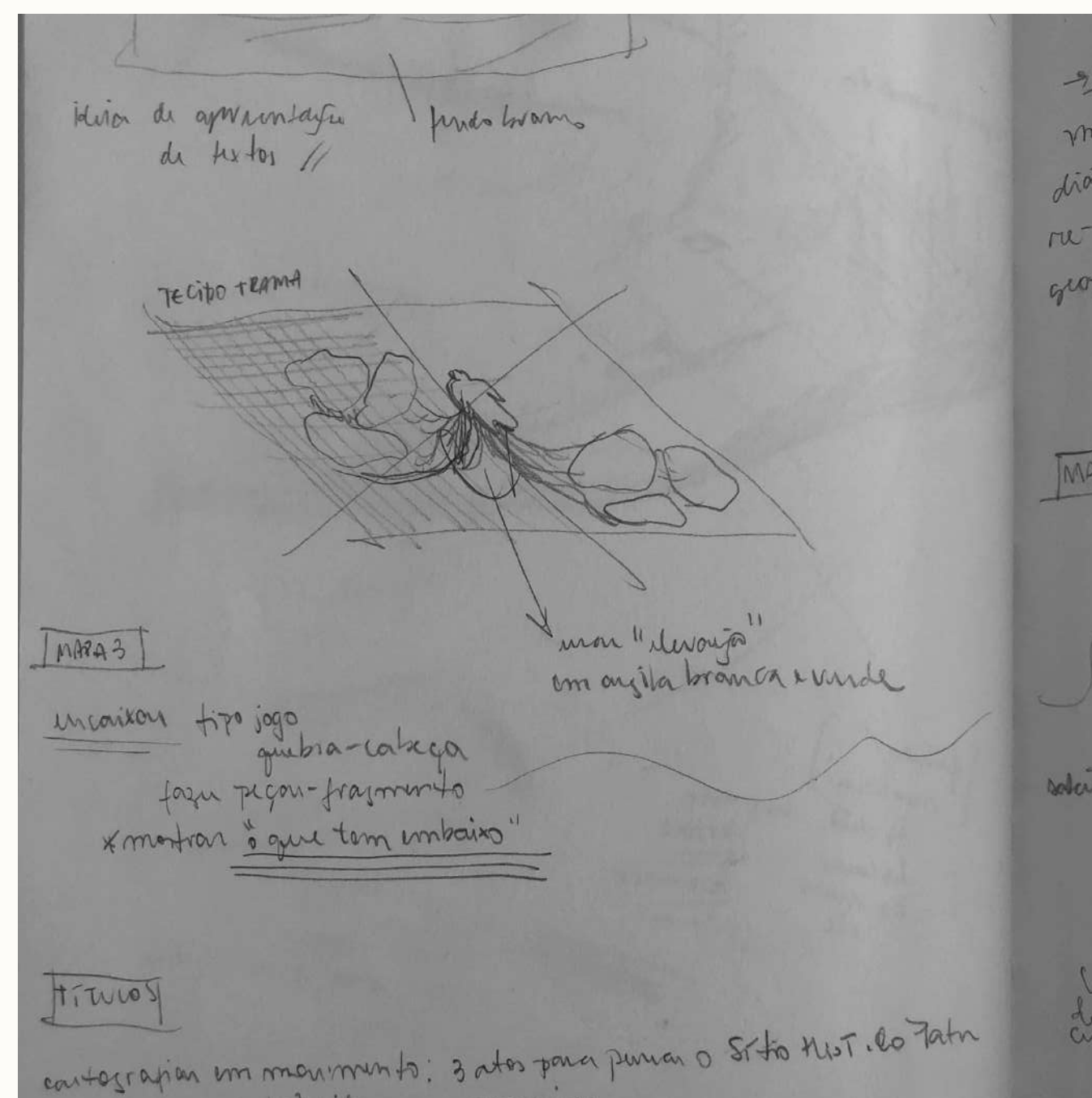
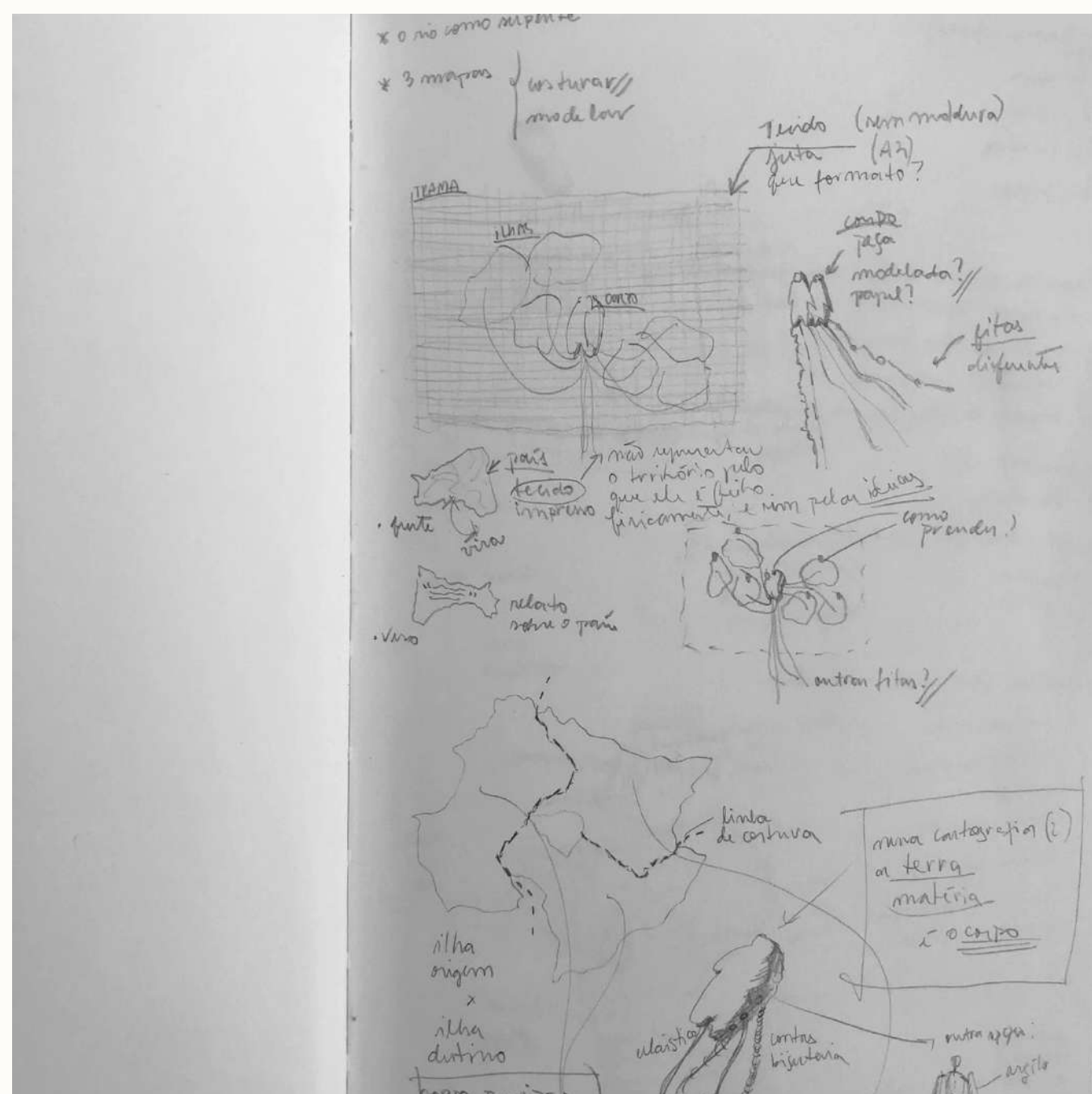




# processo bordados



# processo croquis

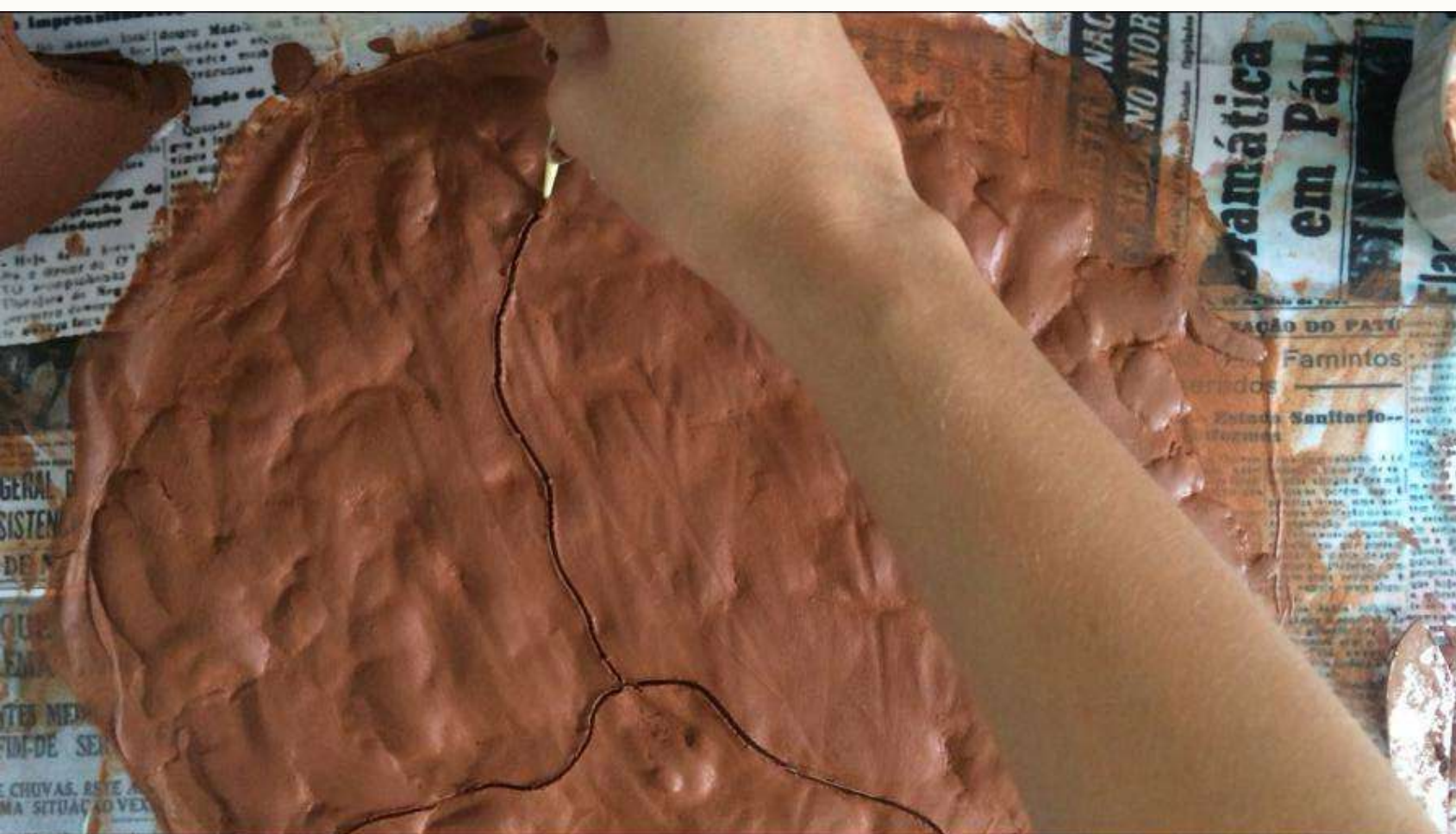


**3º ato**



processo  
modo 1o









# Referências

ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. **“A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras ‘visões iconográficas’ do Brasil moderno”**. Anais do Museu Paulista. São Paulo, v.13. n.2, p. 21-72, 2005.

BEZERRA, Adriano Rodrigues. **Barragem do Patu: os descaminhos de uma obra**. Senador Pompeu: Edição do Autor, 1996

CAPORRINO, Bruno Walter. **Ato V – bamburro! In: Você está implicado, e não vai bamburrar - parte 2**, 2018.

COSTA, L. C. **A Arte da Cartografia na obra de Anna Bella Geiger**. Anais do 20º Encontro Nacional da Anpap: Subjetividades, utopias e fabulações. Rio de Janeiro, 2011, pp. 2048-2064.

CLARK, Nathália Perry. **Faca-face de um feminino sertanejo: impressões do regionalismo contemporâneo em Ronaldo Correia de Brito**. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

Dereczynski, Claudine. Brasileira que colaborou com relatório alarmante do clima destaca que seca no Nordeste e temporais no Sul vão piorar. **G1 Brasil**, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/08/09/brasileira-painel-clima>>. Acesso em 01 de set. de 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. Tradução de André Telles. São Paulo: Editora 34, 2017.

GOLDSTEIN, Ilana, LABATE, Beatriz. **Encontros artísticos e ayahuasqueiros: Reflexões sobre a colaboração entre Ernesto Neto e os Huni Kuin**. Mana [online] v. 23, n. 3, pp. 437-471, 2017.

HARAWAY, Donna. **Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes**. ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte, Ano 3, N. 5, 2016.

IBGE. Semiárido brasileiro. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2018. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15974-semiarido-brasileiro>>. Acesso em: 01 de set. de 2021.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo: Ensaios sobre Movimento, Conhecimento e Descrição**. São Paulo: Editora Vozes, cap. 2, p.49-69, 2015.

JACQUES, P. B., PEREIRA, M. S., comps. **Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo I - modos de pensar**. Salvador: EDUFBA, 2018.

MARTINS, Aterlane. **Das Santas Almas da Barragem à Caminhada da Seca: Projetos de Patrimonialização da Memória no Sertão Central Cearense (1982-2008)**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2018.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Os Tarairiús, extintos tapuias do nordeste**. Índios do Nordeste: temas e problemas. Maceió: EDUFAL, p. 241-57, 1999.

**MPCE**. Tombamento de antigo campo de concentração em Senador Pompeu é resultado de TAC do MPCE, 2019. Disponível em <<http://www.mpce.mp.br/2019/07/04/tombamento-de-antigo-campo-de-concentracao-em-senador-pompeu-e-resultado-de-tac-do-mpce/>>. Acesso em: 10 de out. de 2021.

NEVES, Frederico de Castro. **Curral dos bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932)**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995.

PEDROSA, Adriano. **Adriana Varejão: histórias às margens**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2013.

PEDROSA, A., and TOLEDO, T., comps. **Anna Bella Geiger: Brasil nativo / Brasil alienígena**. São Paulo: MASP, Edições SESC, 2019.

QUEIROZ, Marcus Vinicius Dantas de. **Arquitetura, cidade e território das secas: ações da IFOCS no semiárido do Brasil (1919-1945)**. São Carlos, 2020.

RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

SANTOS, Amália Cristóvão dos. **Sertão e deserto: aproximações entre o Império do Brasil e a República da Argentina no início do século XIX**. América - Revista de Pós-Graduação da Escola da Cidade. São Paulo: n.1, p.92-103, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio, RUFINO, Luiz e HADDOCK-LOBO, Rafael. **Arruaças: uma filosofia popular brasileira**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

SUDENE. **Nova delimitação do semiárido**. Recife, 2017.

TAVARES, Paulo. **Memória da terra: arqueologias da ancestralidade e da despossessão do povo Xavante de Marãiwatsédé**. Brasília: MPF, 2020.

# CARTOGRAFIAS

## EM

# TRÂNSITO



TRÊS ATOS PARA PENSAR O SÍTIO HISTÓRICO DO PATU

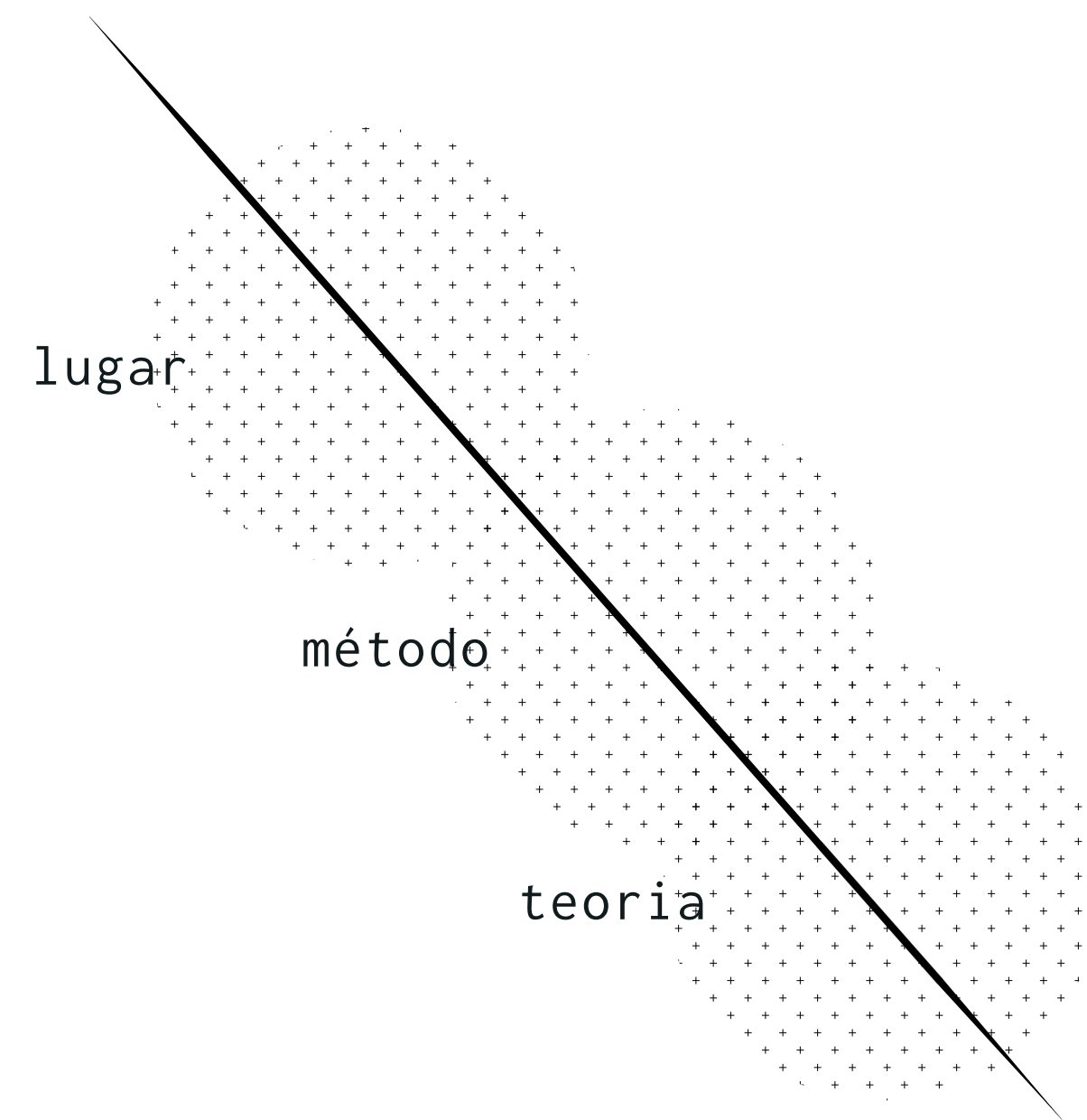
*Autora:* Giovanna Teixeira de A. C. Neves  
*Orientadora:* Maria Ayara Mendo Pérez

***Cartografias em trânsito: três atos para pensar o Sítio Histórico do Patu*** é uma investigação metodológica e propositiva que explora a cartografia como principal meio para pensar, representar e construir o território. O método inventado busca questionar os corpos-territórios invisibilizados pela narrativa cultural e cartográfica dominante. A partir dos fragmentos narrativos, delinea-se um percurso pautado por três atos que mapeiam diferentes tempos, escalas e espaços.

# ESTRUTURA

---

## APROFUNDAMENTO



2º ato

1º ato

3º ato

## CARTOGRAFIAS

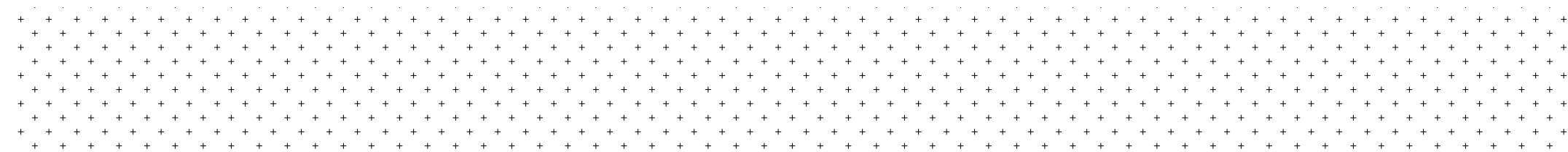


# APROFUNDAMENTO

---

Mas afinal, 'se o Brasil é o país do futuro porque é o país onde os índios ainda não acabaram', e se 'nosso futuro reside no passado pré-brasileiro', **como contar outras histórias sobre essas paisagens-ruínas**, sobre a materialidade emergente deste "novo mundo" marcado (literalmente) por extinções e resistências?

(CANÇADO apud VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 10)



# lugar



**América do Sul,  
BRASIL**



**Semiárido,  
NORDESTE**



**Senador Pompeu,  
CEARÁ**



**Patu,  
SENADOR POMPEU**

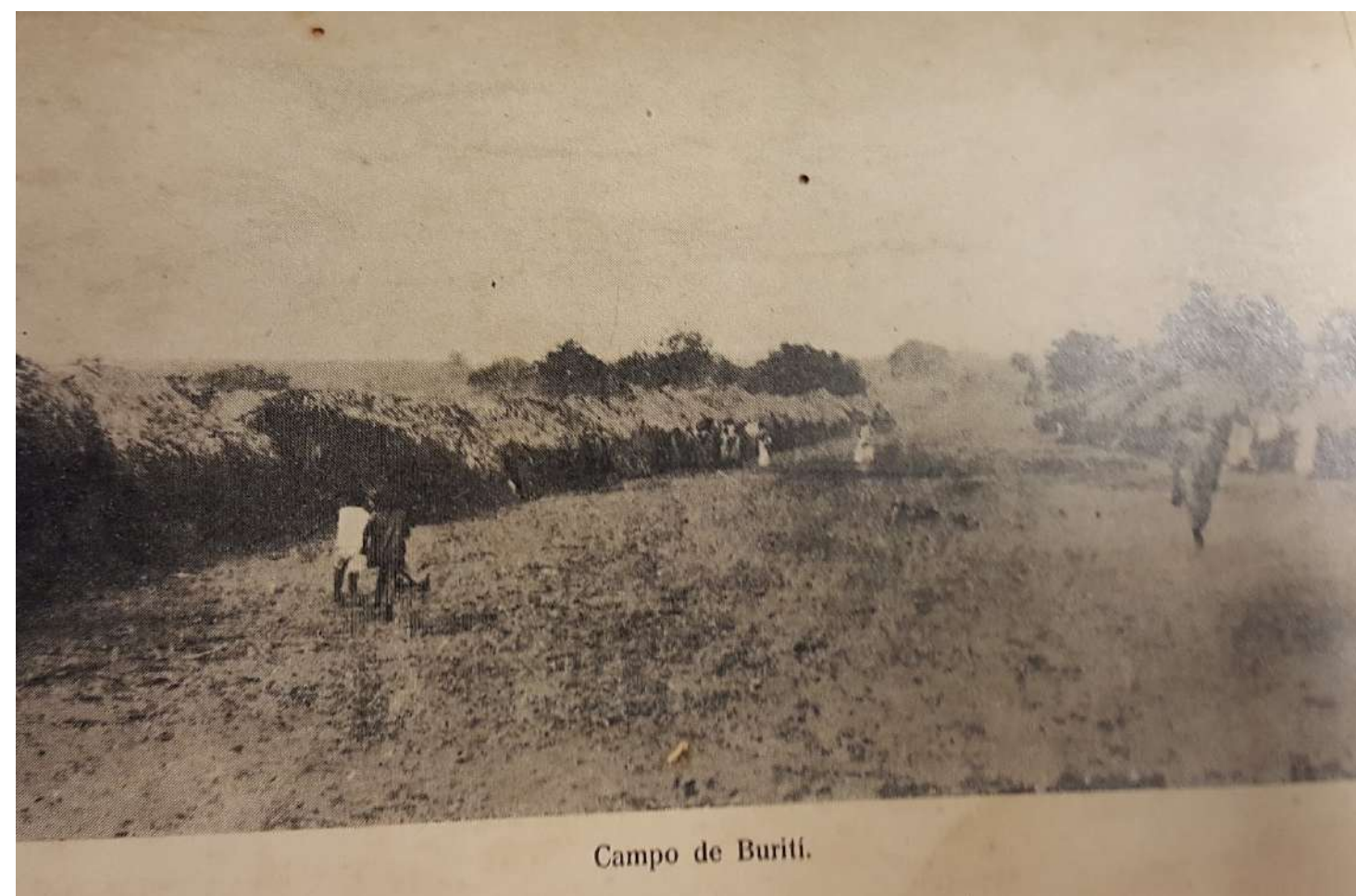
# Sítio Histórico do Patu







**A organização física dos espaços dos campos e a rotina imposta neles feriam a tradição popular e obrigavam novos modos de vida.**



Campo de Buriti.

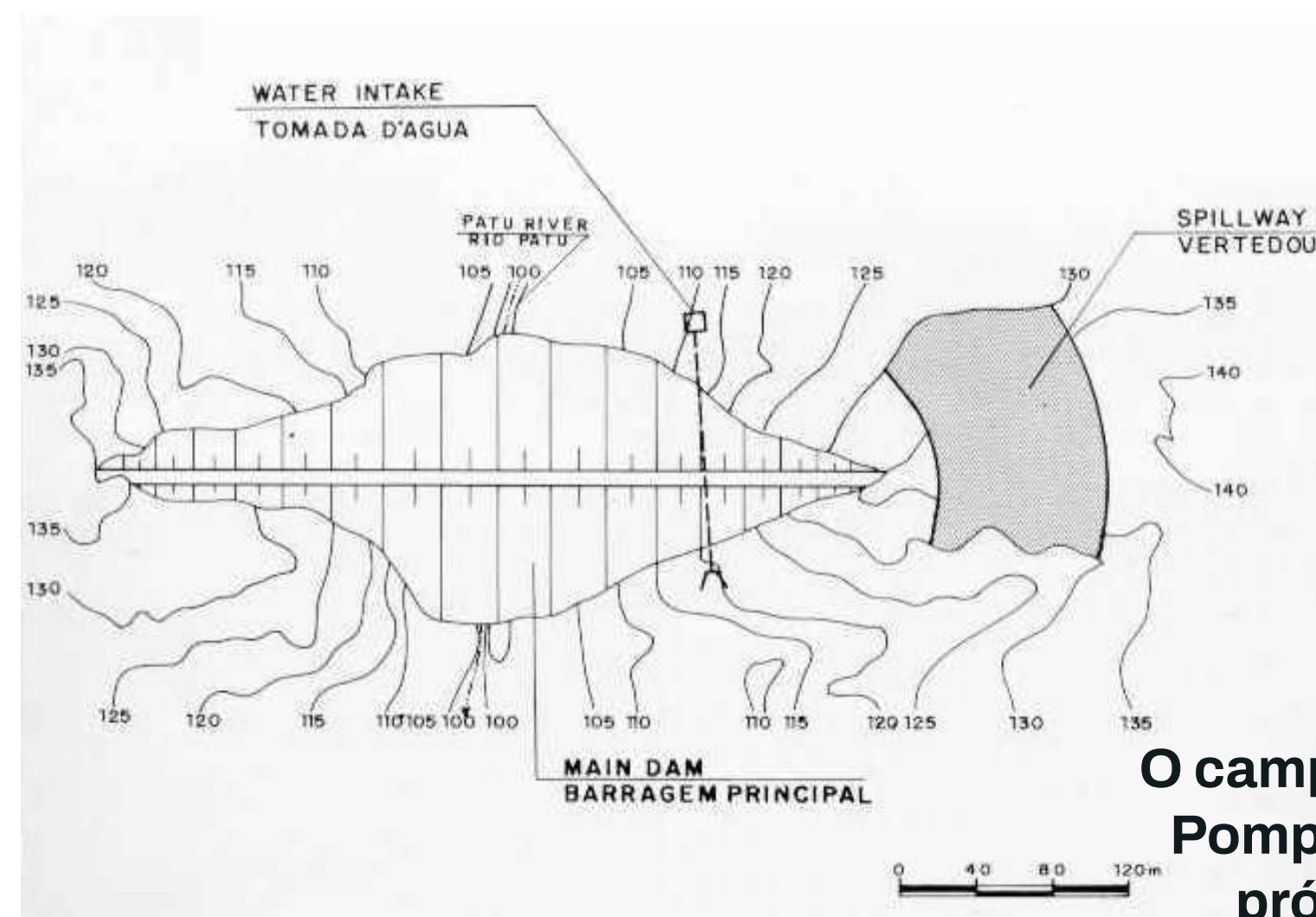
**Casas de taipa no campo de concentração do Buriti em 1932**

Fonte: Arquivo pessoal Valdecy Alves

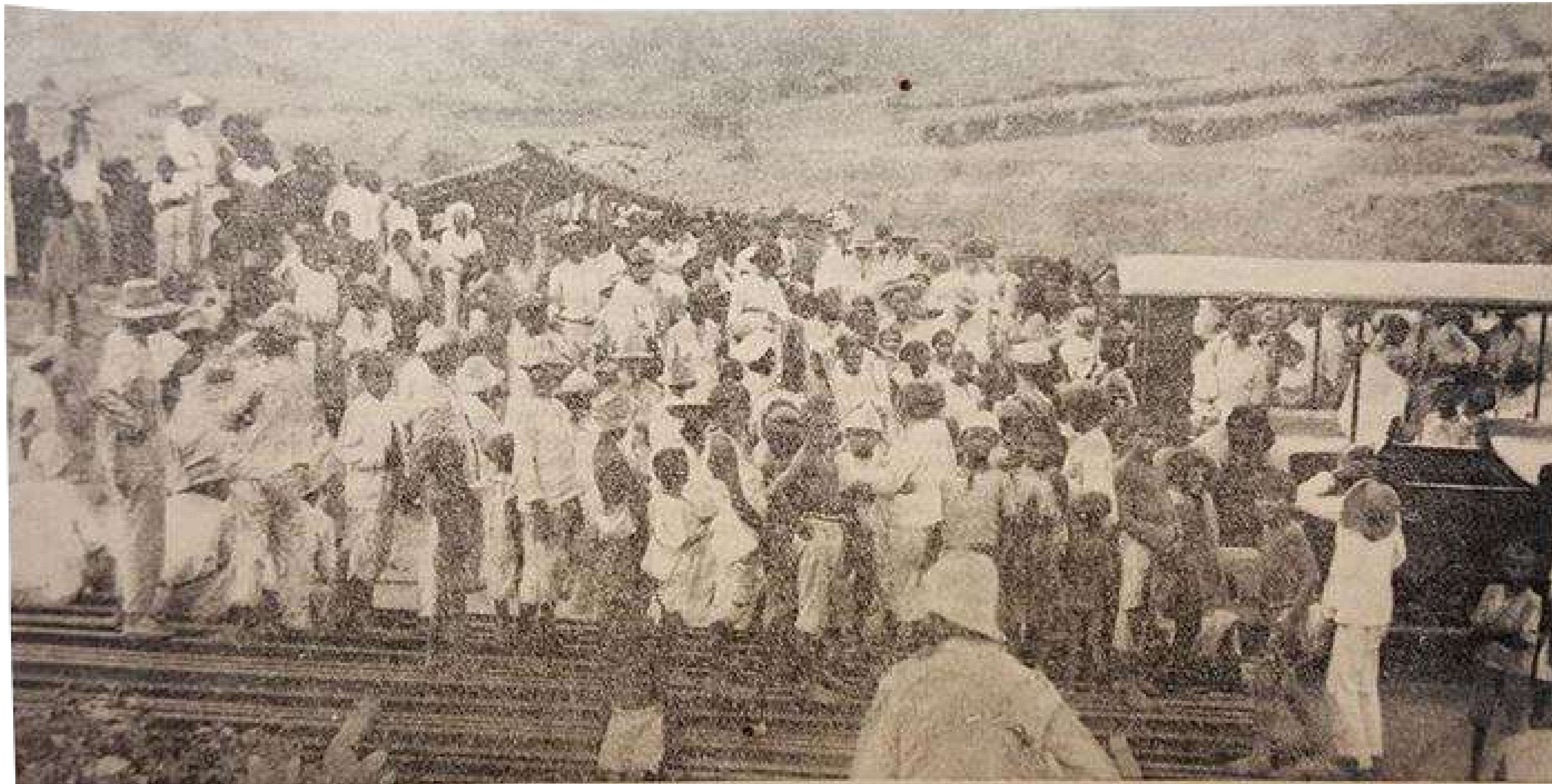


**Fotografia da fundação do Açude do Patu e projeto de 1919**

Fonte: Arquivo pessoal Valdecy Alves



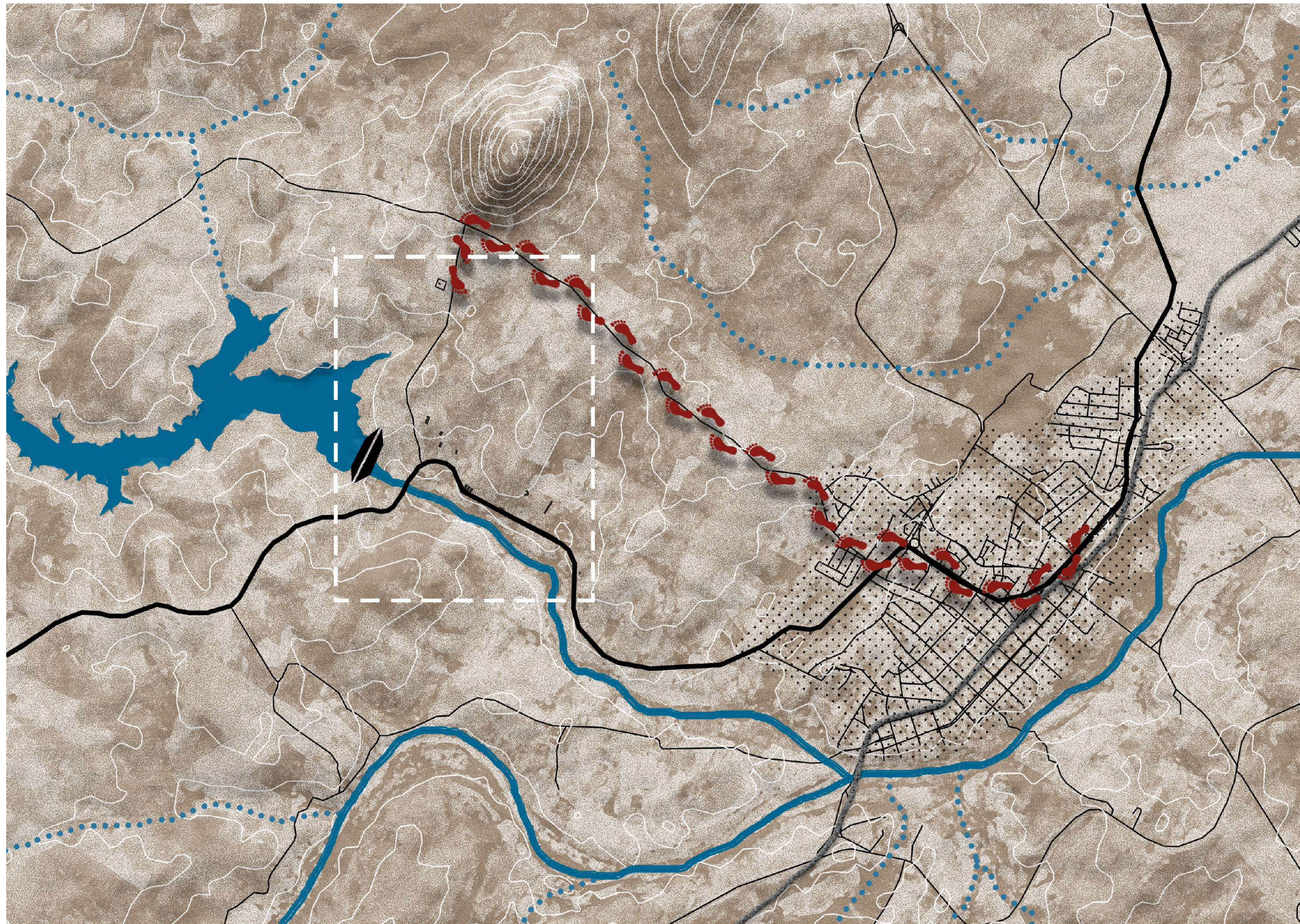
**O campo de concentração de Senador Pompeu foi erguido na Serra do Patu, próximo ao rio de mesmo nome e à barragem que estava em construção. Nesse distrito o campo reaproveitou as edificações existentes de uma vila operária levantada para a construção da Barragem do Patu.**



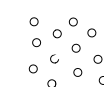








**Concentração de pessoas a caminho de Fortaleza na estação de trem de Senador Pompeu em 1932**

**Campo de Patú**

Fonte: Arquivo pessoal Valdecy Alves



- Serra do Patu 
- Sítio Histórico do Patu 
- Área urbana 
- Açude do Patu 
- Rio Patu e Banabuiú  
Rios perenes 
- Rios intermitentes 
- Estrada da Barragem 
- Linha Férrea  
antiga Est. do Baturité 
- Estrada do Patu  
roteiro da caminhada 

Cemitério das Almas da Barragem



Casarão da Inspetoria



Casas dos Engenheiros



Barragem e açude do Rio Patu



Oficina



Usina Gótica



Casas dos Apontadores



Hospital



Armazém



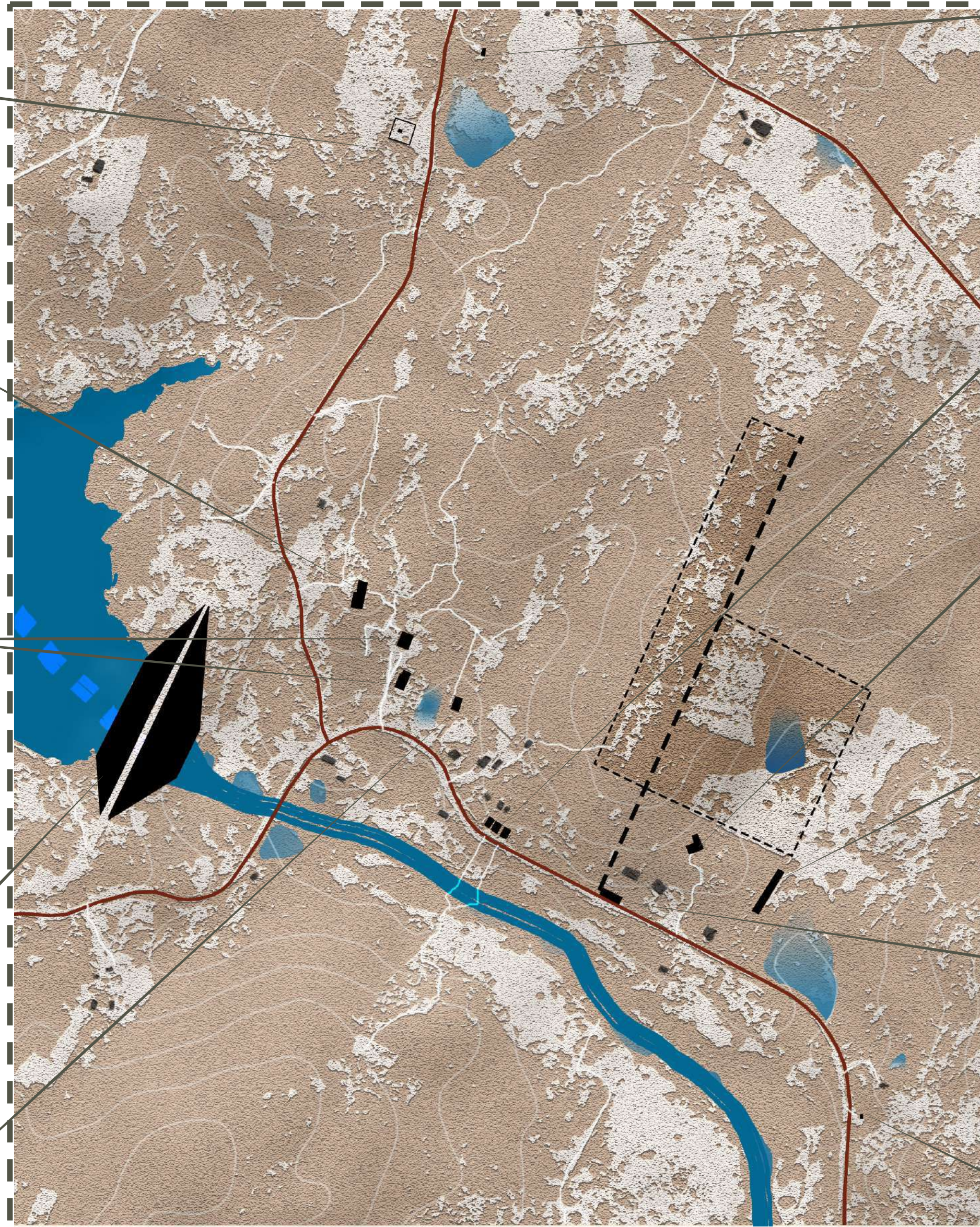
Estação Ferroviária



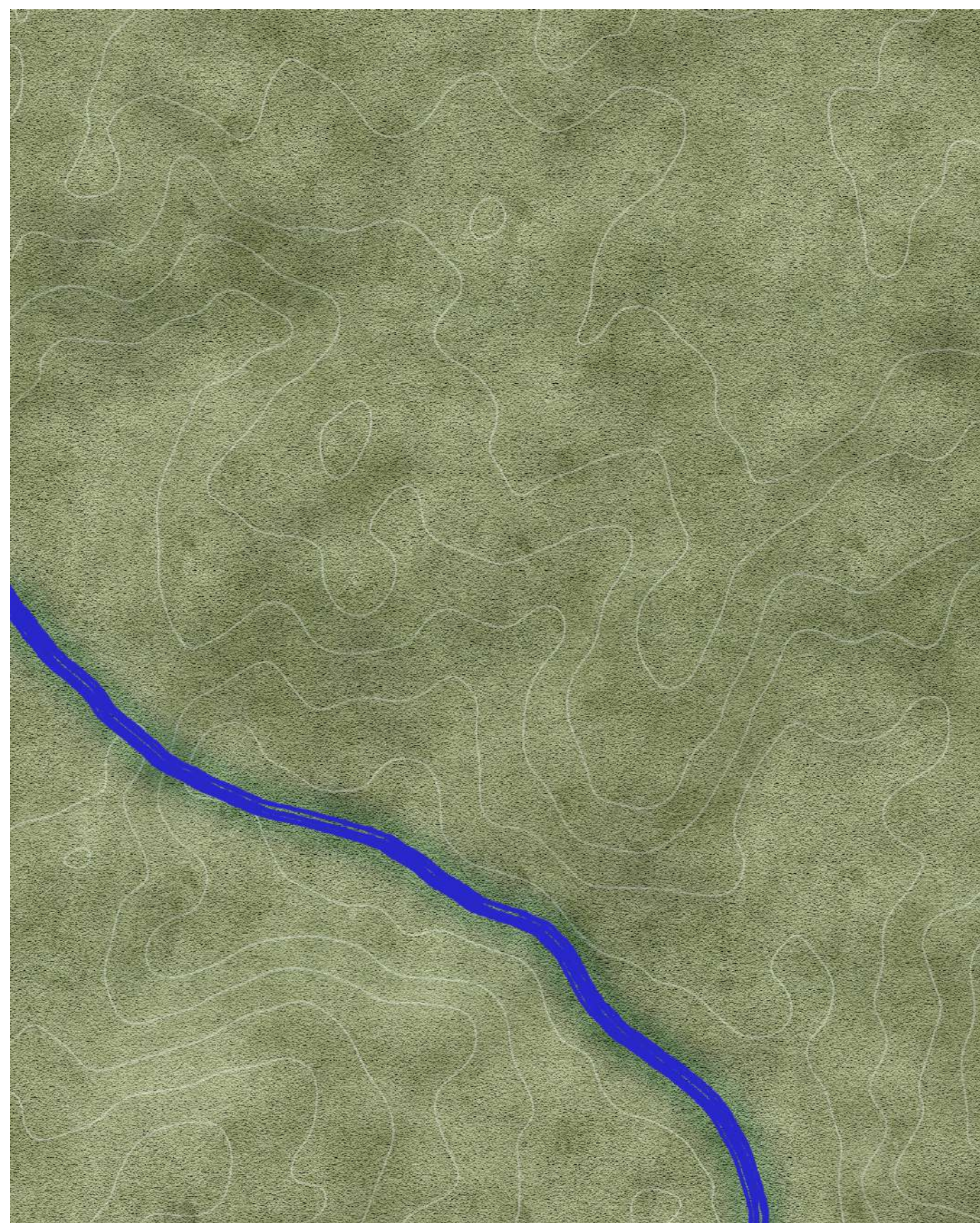
Casa de pólvora



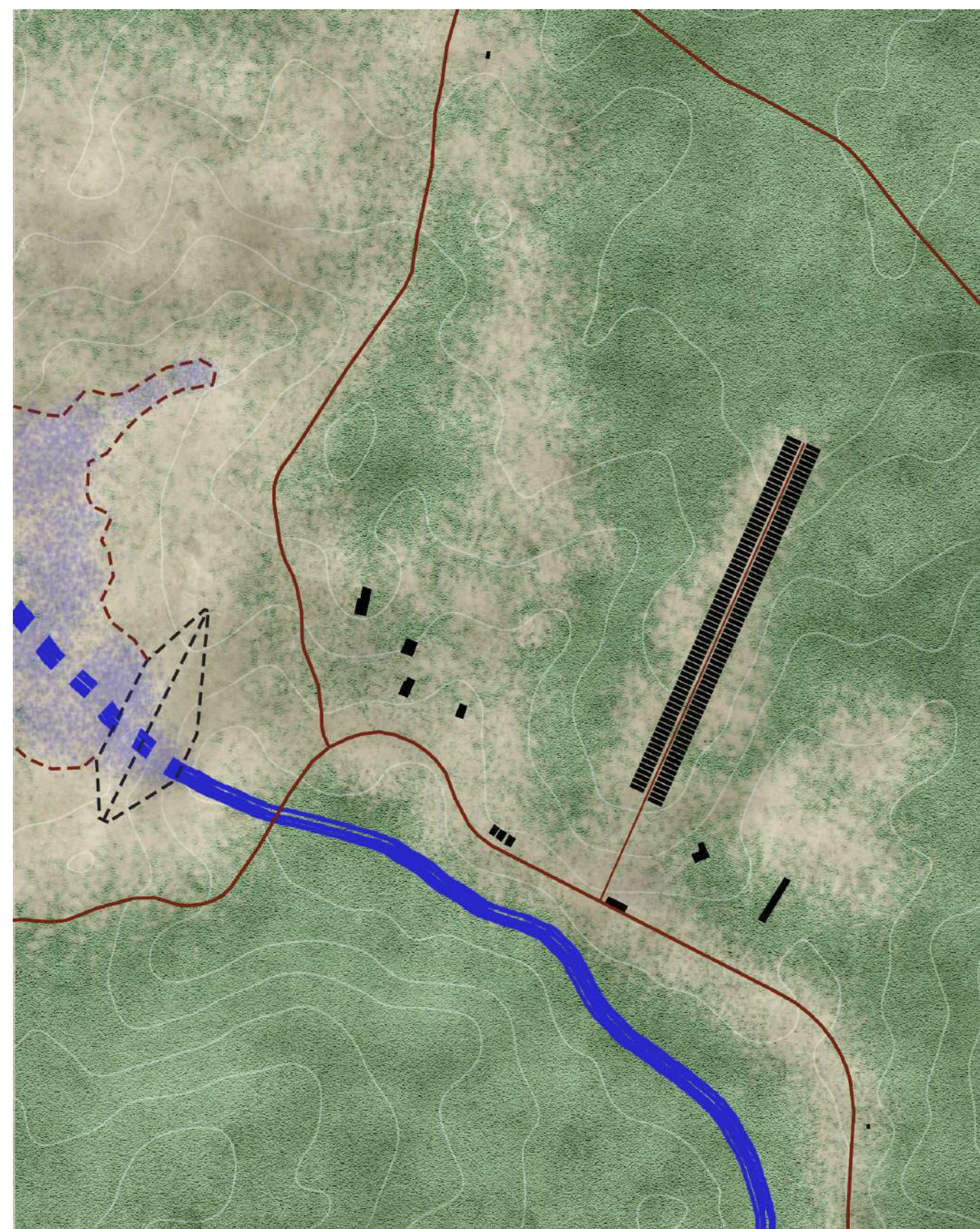
Sítio Histórico do Patu



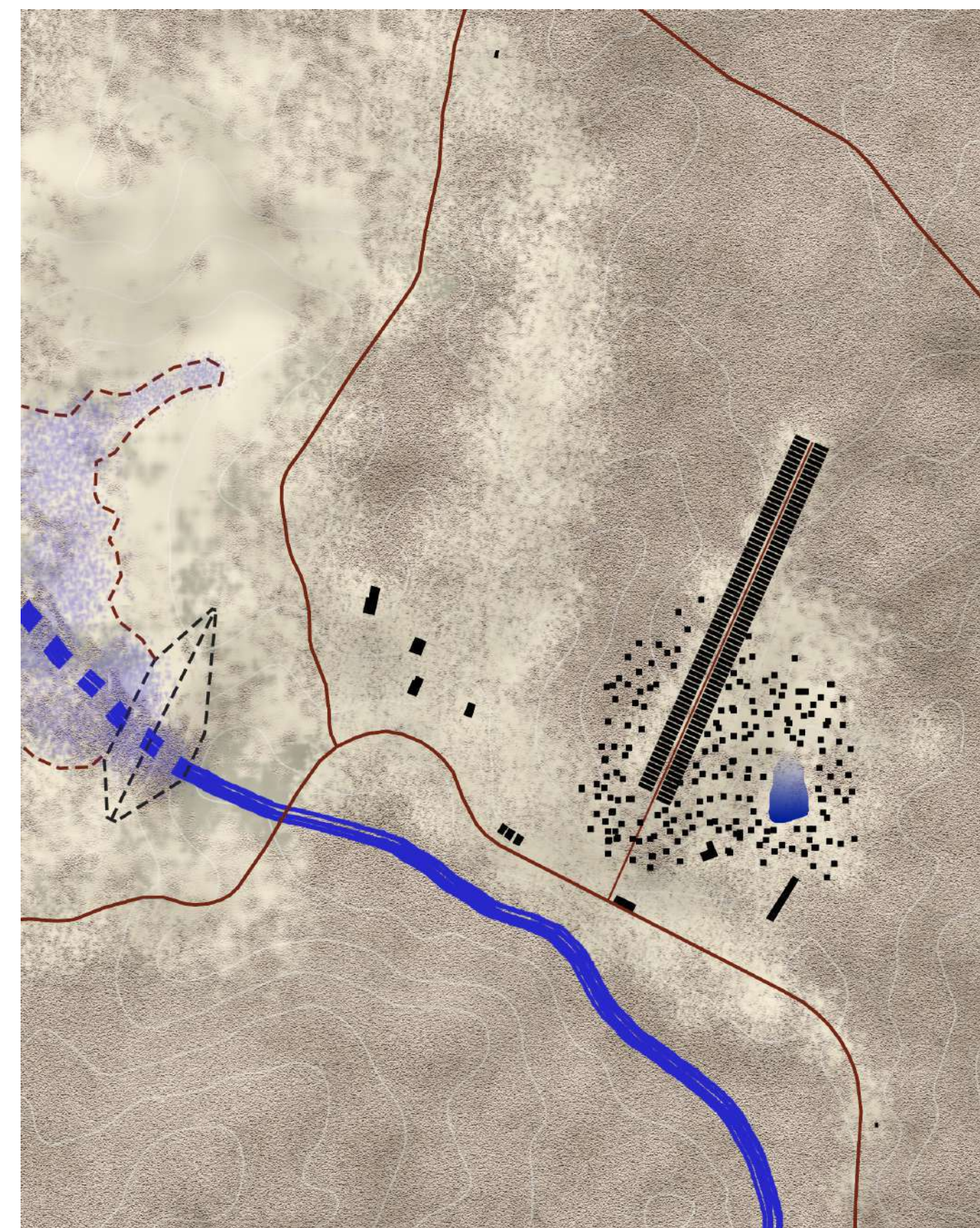
1900



1920



1932



Imaginação do Sítio Histórico em diferentes tempos

CAMINHADA

4km  
10mil pessoas

07:00  
Chegada

05:00  
Partida

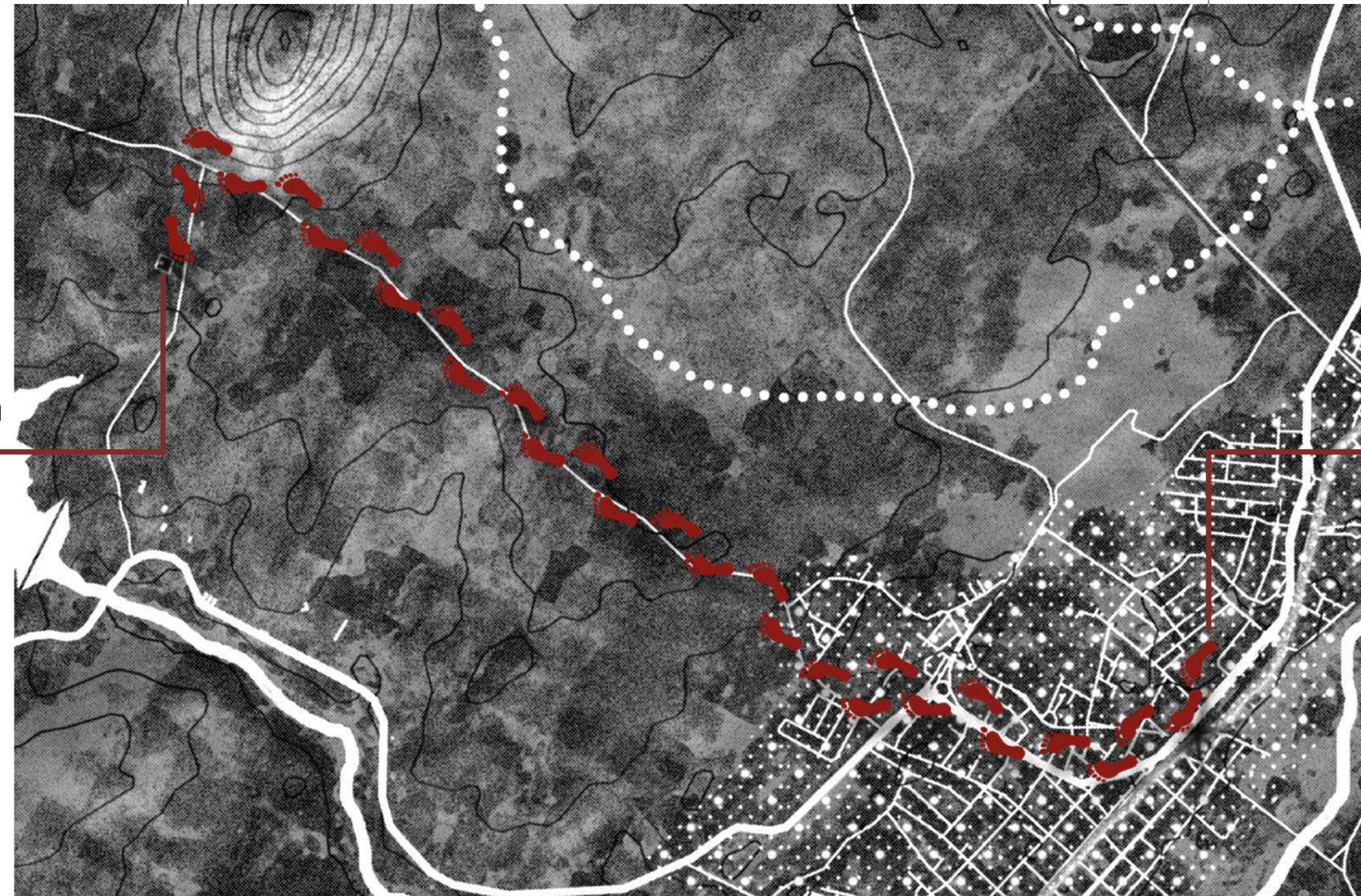
04:30  
Encontro

Cemitério da Barragem

- Celebração da missa
- Infraestrutura: palco, som, gerador, banheiros, distribuição de água, ambulância
- Oferendas às Almas da Barragem

Paróquia Nossa Senhora das Dores

- Saída à pé ou pelo ônibus disponibilizado pela prefeitura



Caminhada da seca

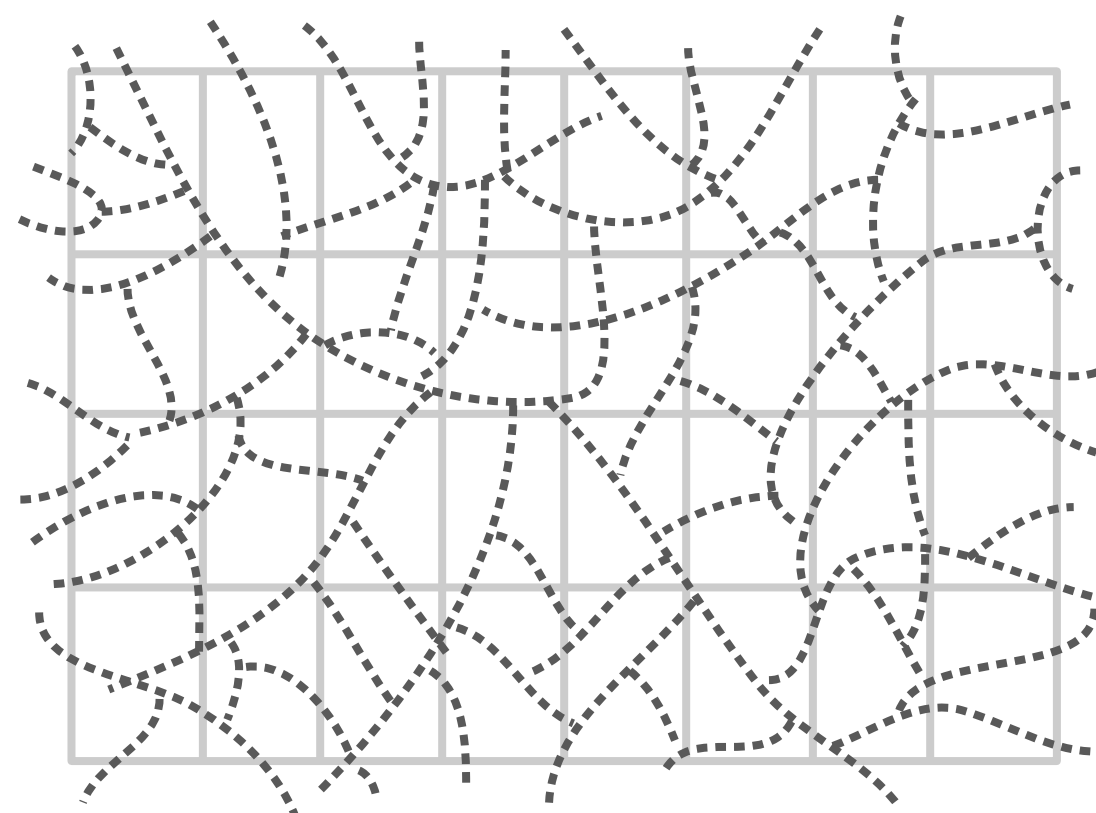
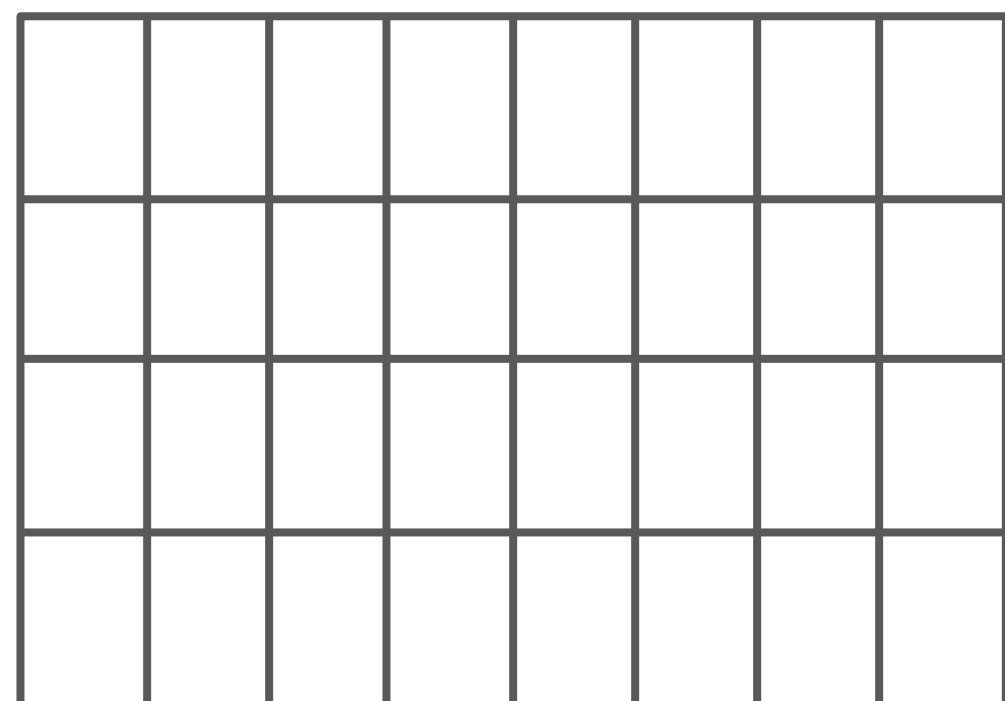


“Logo, nunca poderemos dizer: não há nada para ver, não há mais nada para ver. Para saber desconfiar do que vemos, devemos saber mais, ver, apesar de tudo. Apesar da destruição, da supressão de todas as coisas. **Convém saber olhar como um arqueólogo.** E é através de um olhar desse tipo - de uma interrogação desse tipo - que vemos que as coisas começam a nos olhar a partir de seus espaços soterrados e tempos esboroados.”

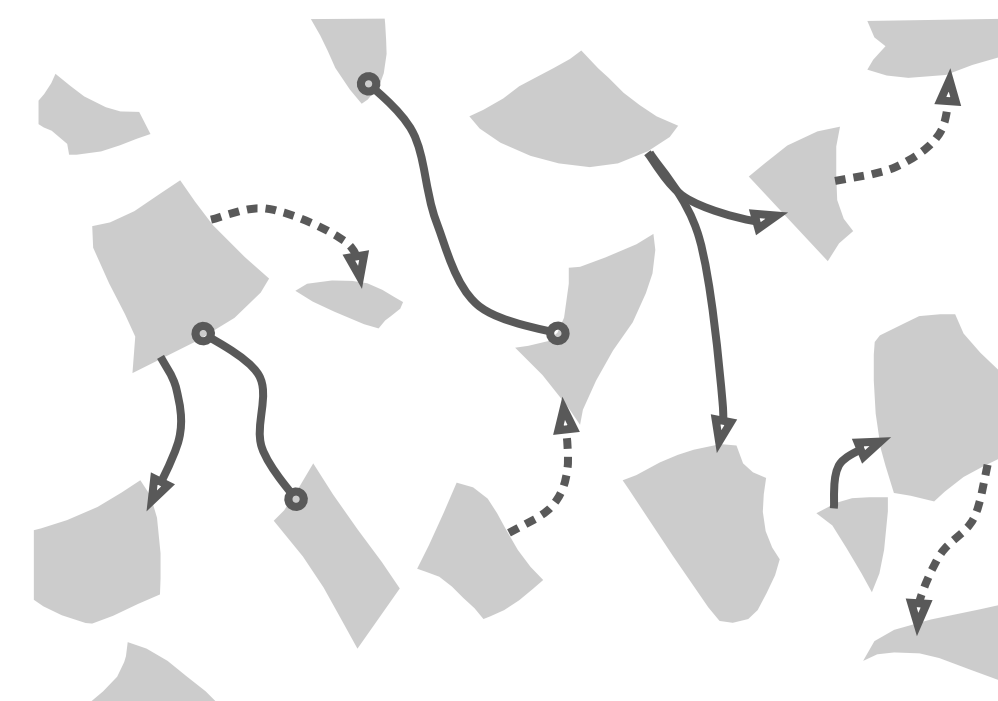
(DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 127)



# *contra*-narrativas



- Escolher o que se esconde e o que *aparece*,
- Ritualizar a *contraconquista*,
- Conectar histórias das *margens*.



O modo de pensar por montagem é uma oportunidade de narrativa a partir das sobrevivências, entendidos aqui como fragmentos, e o pensamento por nebulosas uma tentativa de deslocar as ideias dos saberes prontos e métodos fixos.

(JACQUES, PEREIRA, 2018)

“Enfim, o sertão é uma figura do imaginário da conquista territorial, um conceito que ao classificar uma localização opera uma apropriação simbólica do lugar, densa de juízos valorativos que apontam para sua transformação. Nesse sentido, a designação acompanha-se sempre de um projeto (povoador, civilizador, modernizador), o qual almeja – no limite – a superação da condição sertaneja.”

(SANTOS, 2018, p. 95)



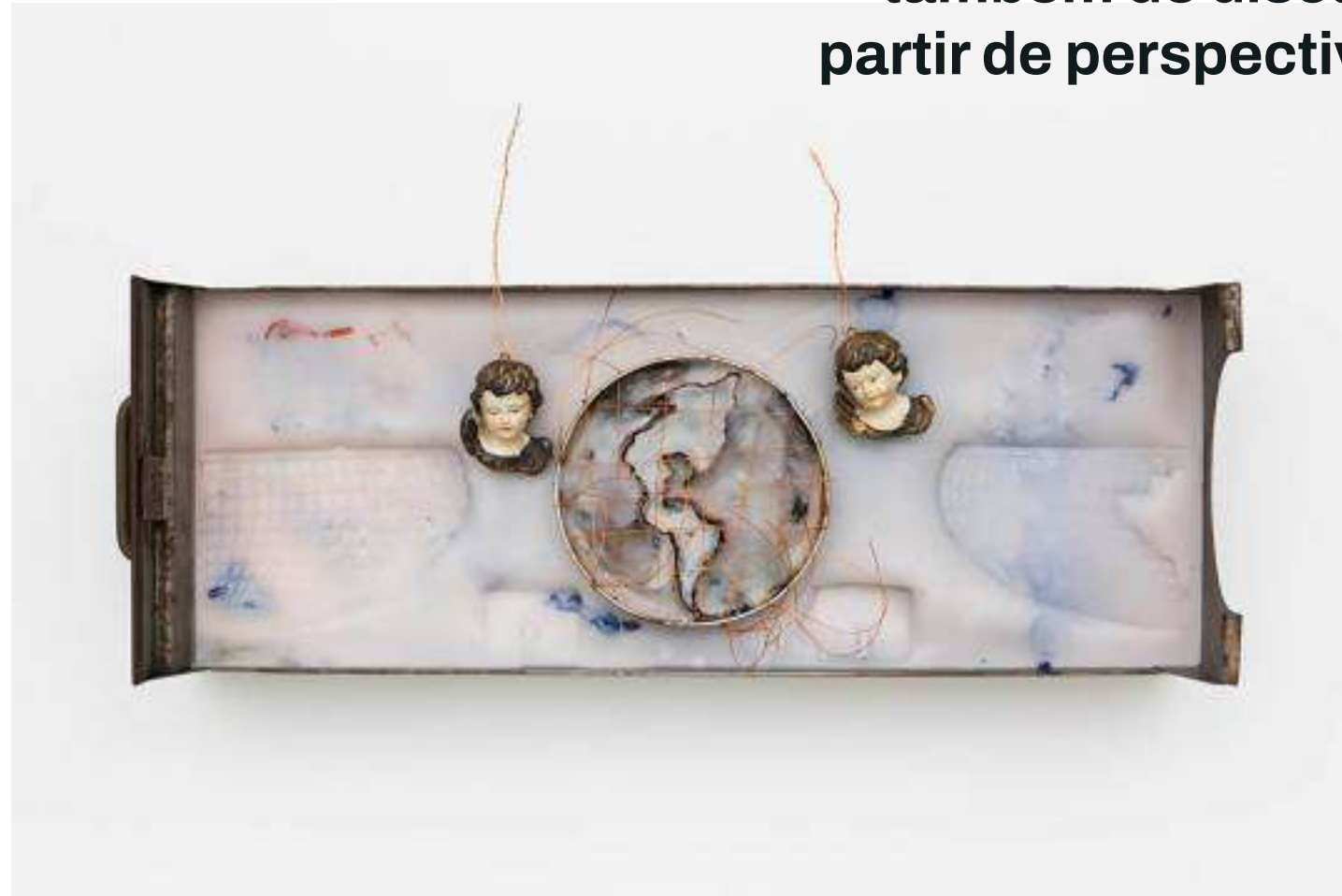
Visto que os mapas foram criados para registrar terras descobertas e dominadas, levam o ponto de vista do homem colonizador, colaborando para a construção - e invenção - de imaginários sobre os territórios.



**Adriana Varejão**

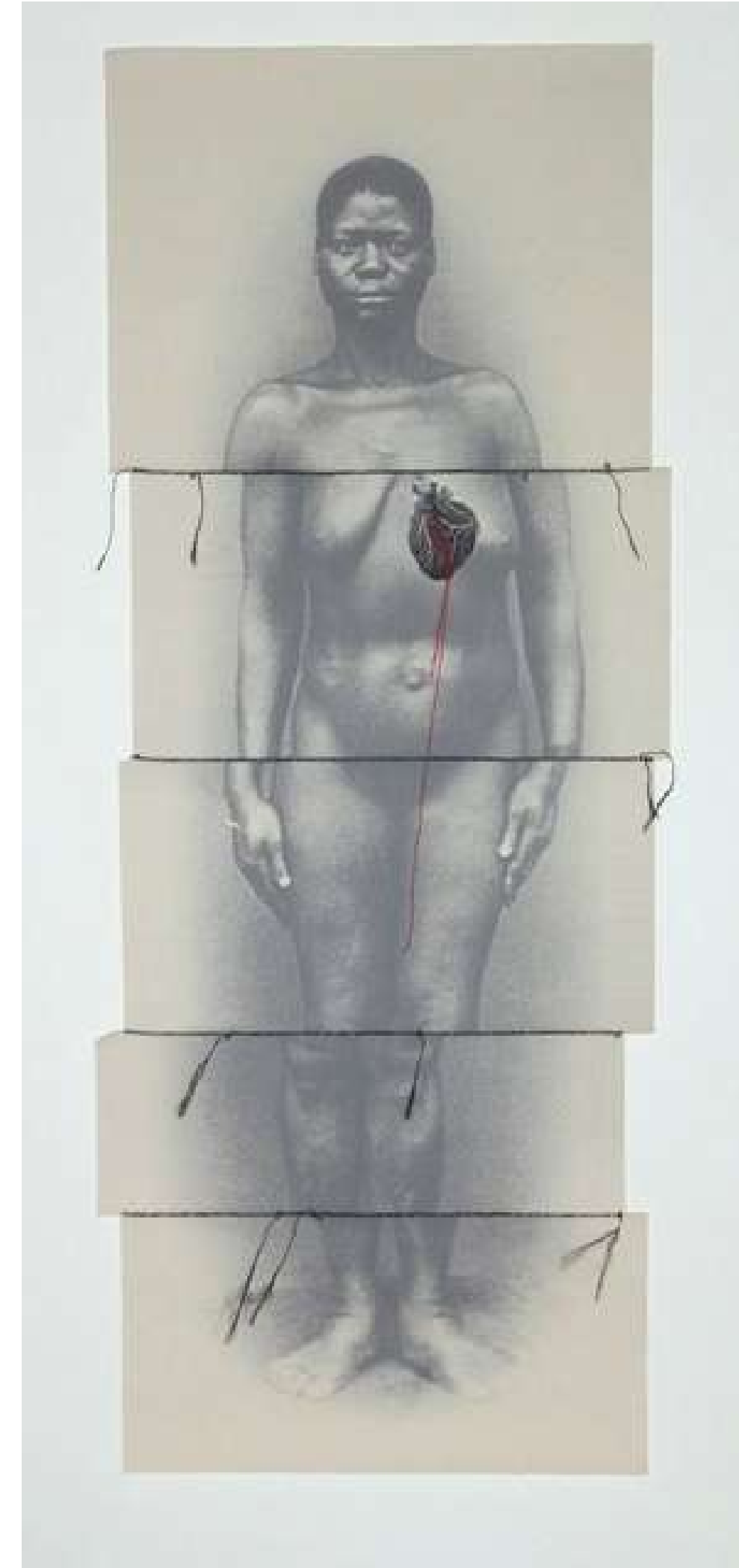
Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural

A inserção de elementos simbólicos através de processos e suportes materiais permite, não apenas a descoberta de novas alternativas de representação, como também de discussão sobre o território a partir de perspectivas críticas descoloniza-



**Anna Bella Geiger**

Fonte: Galeria Aura



**Rosana Paulino**

Fonte: Grupo Arteversa UFRGS

# teoria



“A floresta, há muito sabemos, mais que um bioma natural, é um artefato multiespécies coproduzido pelos ameríndios e seus demais inquilinos não-humanos; uma metafísica, um modo de nutrir espacialidades e um regime de visibilidades, umbilical e ontologicamente relacionados aos modos de existência nativos.”

(CANÇADO, 2019, p. 22)

“À medida que a floresta amazônica e o Cerrado (mas também o Pantanal, a Caatinga e ainda a Mata Atlântica) cedem lugar à geometria pixelada e desbotada da monocultura, ou à voracidade das espécies de capins invasoras, aquela terra impermeável à visão dos não-indígenas e aquelas matas emaranhadas e multiespécies se transformam rapidamente num conjunto de hiperpaisagens recheado de contradições, palimpsesto de centralidades e periferias – ou aquilo que ainda achamos ser as periferias e os centros.”

(CANÇADO, 2019, p. 196)

# corpo-território

- Desconstruir a dialética e assumir o corpo-território como algo *único*, como matéria
- Durante a retirada nos períodos de seca, a vida é *fragmentada*: o trânsito impõe repensar as relações corpo-território.
- A fragmentação causada pela seca se insere num contexto maior de deslocamentos, apagamentos e despossessões nesse território que são historicamente *silenciados* e não aparecem nos registros cartográficos.



A monocultura pode entrar como o ponto chave que organiza as práticas espaciais modernas que submetem povos e seus territórios através do trabalho escravo e forçado, da conquista de terras e do desmatamento (HARAWAY, 2016). A ação violenta da modernização sobre o campo e a floresta obriga que as pessoas deixem seus lugares de origem, e assim, tudo que construíram de coletivo, vivência, morada e família, para tentar trabalho nos centros urbanos, onde são jogadas para as periferias.



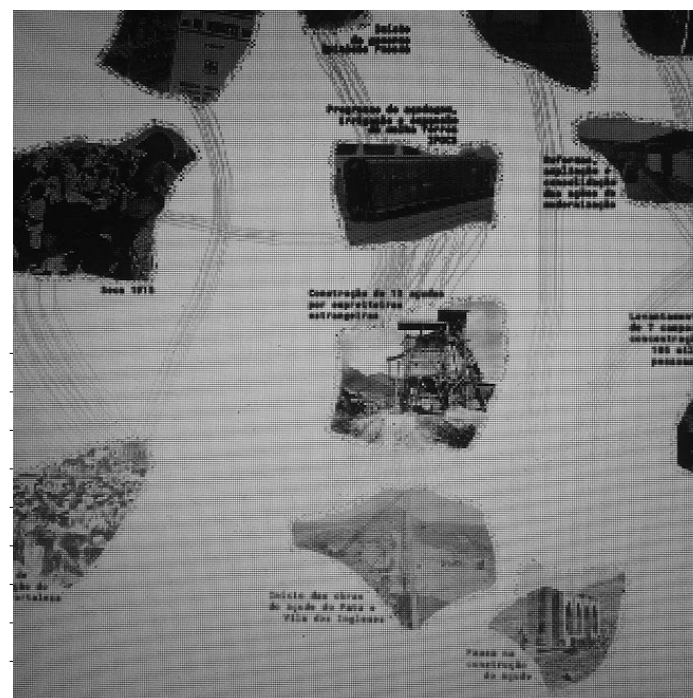
“A experiência de ser em trânsito traz essa força que nenhum pensamento de lugar fixo é capaz de alcançar.”  
 (HADDOCK-LOBO, 2020, pág. 173)

**Nesse contexto de dupla dimensão do apagamento da memória, material e imaterial, a potência para visibilizar os seres em trânsito que não se encaixam nos projetos urbanos do território é através do resgate de suas histórias.**

# CARTOGRAFIAS EM TRÂNSITO

As cartografias propostas funcionam como exercícios de pensamento e representação em que experimenta-se mapear os trânsitos do corpo-território.

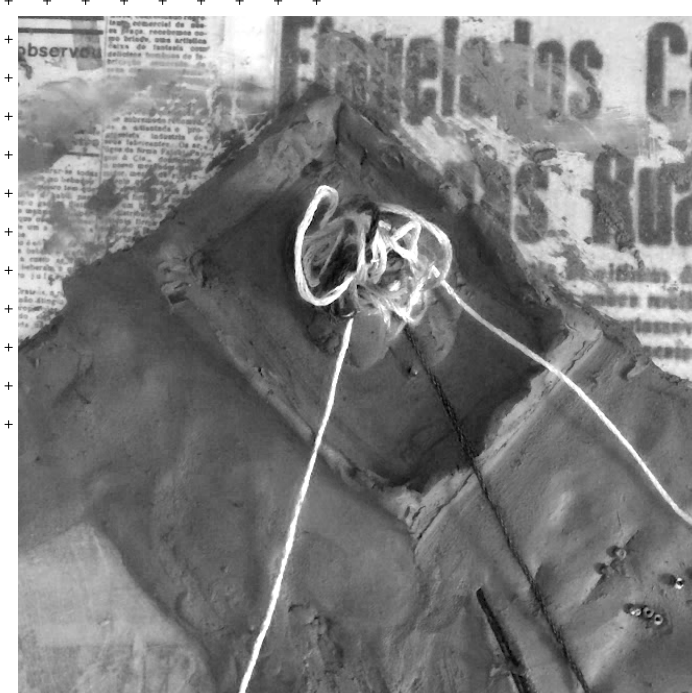
1º ato



2º ato



3º ato



# 1º ato

No primeiro ato a premissa é a desconstrução da linearidade do tempo e remontagem dos acontecimentos que marcam, direta ou indiretamente, o recorte em estudo.

As linhas simulam os trajetos entre as peças: possíveis descobertas, encontros e semelhanças, relações espaço-temporais.

Os fragmentos são representados por uma imagem que remete ao acontecimento, enquanto as palavras remetem aos sentidos, sensibilidades e subjetividades que vão sendo escavados conforme os deslocamentos da história.





ção de 30  
início da  
Era Vargas



Tombamento  
do Sítio  
Histórico  
do Patu



RESGATE



Filme "Currais"

Inclusão da Caminhada  
no roteiro  
turístico



Abertura de inquérito  
e relatório técnico  
MPCE



patrimônio

Filme "Serca Seca",  
SECULT-CE



COSTURA



Criação da Lei  
de Tombamento

Abertura do  
Processo de  
tombamento da  
Vila dos Ingleses

movimento  
cultural

Lei de Iniciativa  
Popular pela Equipe  
Cultural  
19-22



Conclusão da  
obra da Barragem  
do Patu



Popularização do culto às  
Santas Almas da Barragem



PRESENÇA

Primeira romaria  
até o Santuário  
e construção  
da capela



Seca 1932



FERIDAS



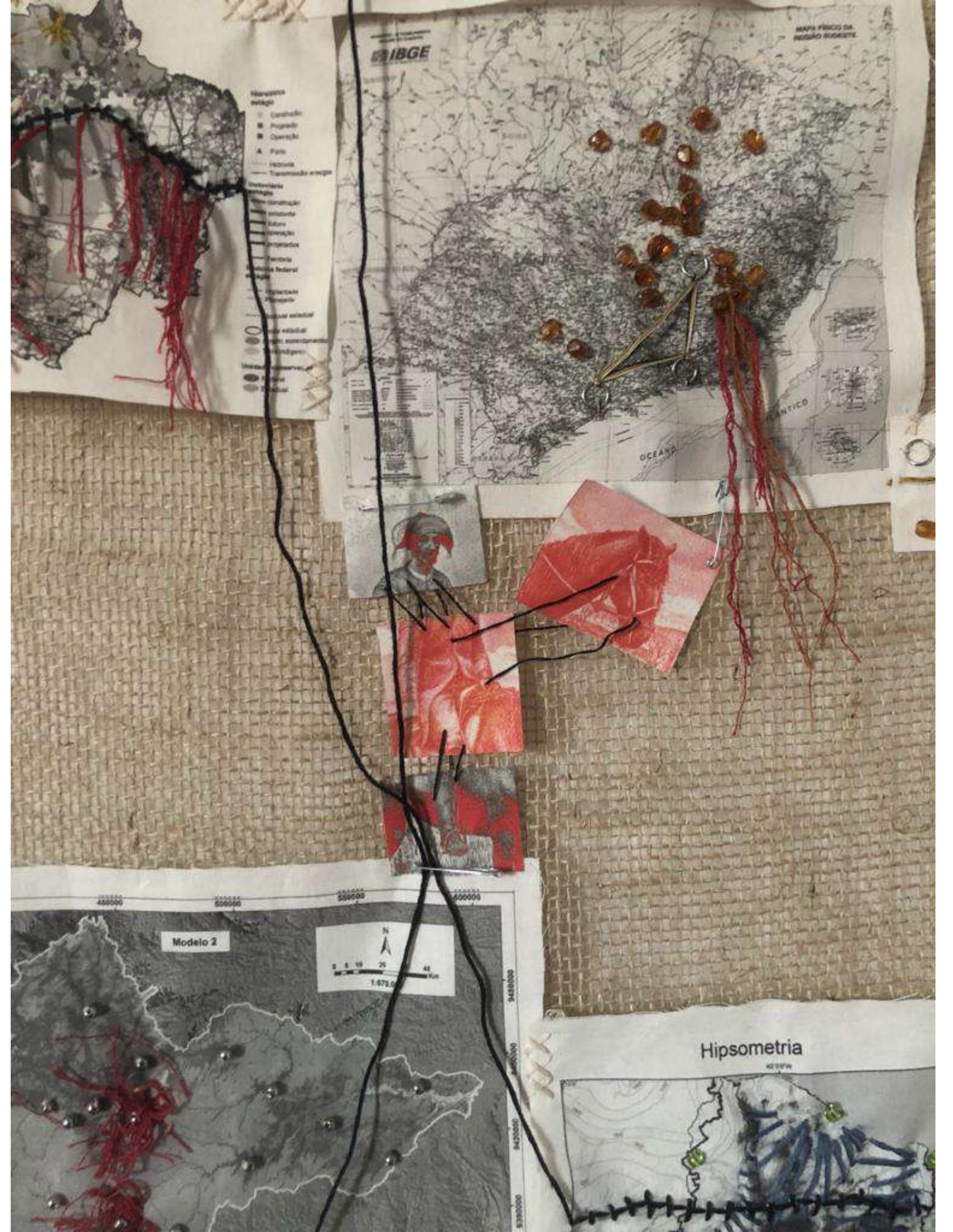
Campo de  
concentração do Patu  
20 mil pessoas



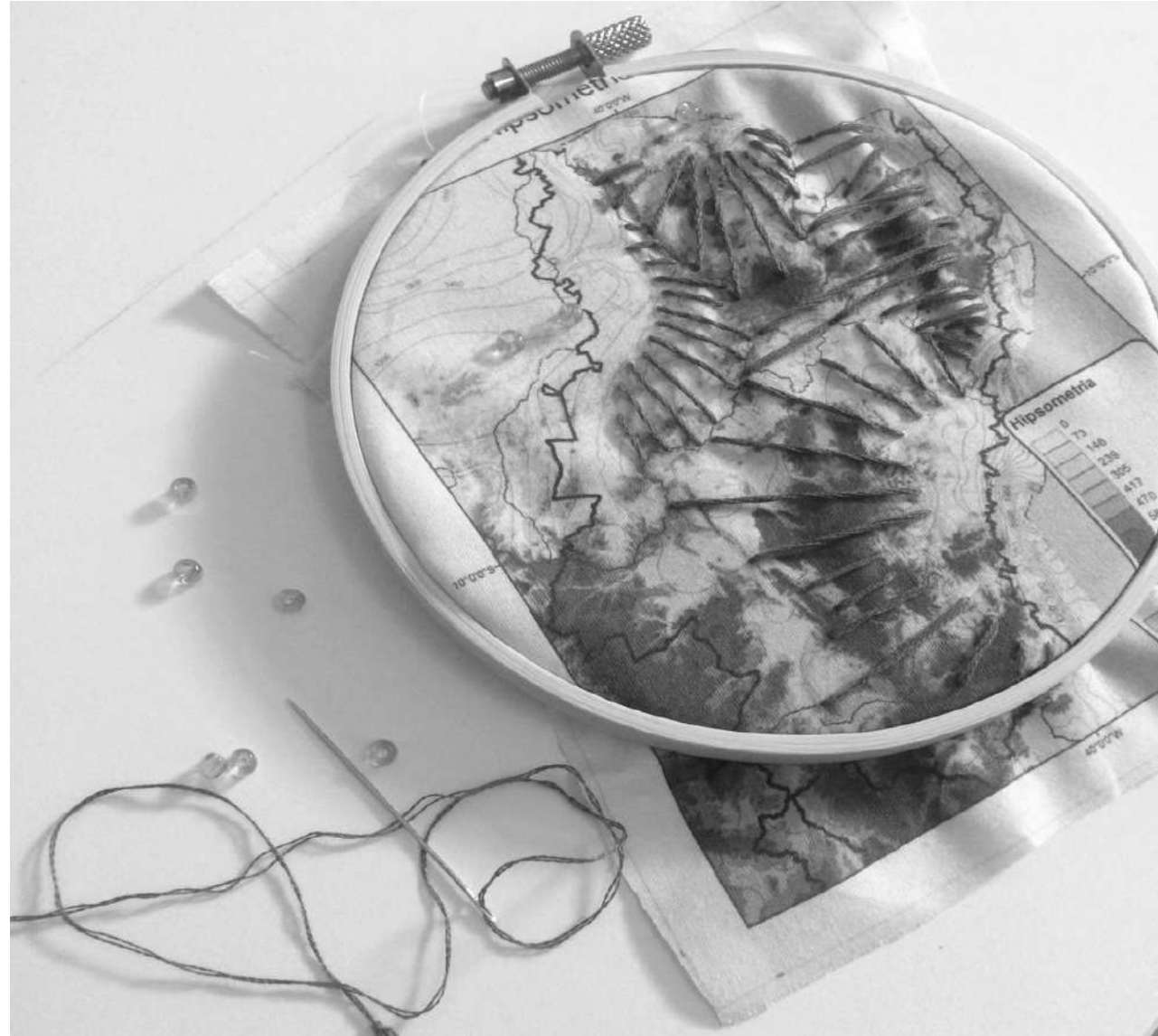
## 2º ato

No segundo ato a tentativa é de, a partir de relatos e histórias de pessoas que passaram pelo campo de concentração do Patu em 1932, mapear de onde elas vinham e para onde desejavam — ou eram forçadas a — ir.

Dessa forma, constituiu-se um mapa a partir de outros mapas, que mostram estudos sobre esses lugares que se relacionam diretamente com os movimentos de retirada da seca: de um lado, as terras no entorno do sítio histórico - Senador Pompeu, a Bacia hidrográfica do rio Banabuiú e a região do semiárido brasileiro - e de outro, as terras as quais se desejava chegar ou para onde foi involuntariamente destinado - a cidade de Fortaleza, a região norte e a região sudeste do país.









# 3º ato

No terceiro ato o mapa está em movimento, abraçando a fluidez dos materiais e processos criativos. É feita uma primeira base com argila em que a malha da cidade, no recorte do Sítio histórico, é reproduzida de maneira livre: as principais rotas, as ruínas, o cemitério, a barragem e o açude. Então se iniciam operações de corte, escavação, modelagem e substituição das convenções cartográficas por imagens simbólicas que remetem à outros tempos e escalas, resgatando sentidos que em mapas tradicionais e fixos são difíceis de perceber ou são descartados.





